ANNO XXVI — N.º 52
Rio, 24 de Dezembro de 1932
PREÇO: 1$000
FON-FON

O conto brasileiro

FETICHISMO

Por SABOYA RIBEIRO

No cabaret. Profusão de luz. As physionomias trahiam, já, o cansaço das horas. No salão, agora, poucos.

A maioria, tanto que terminára a parte concertante, acercára-se do jogo, funccionando noutra sala, contigua, onde uma voz pausadamente, annunciava lances, — ou tinha ido embora.

Installados nu'a mesa, a um angulo, os tres continuavam na mesma palestra amiga, ao sabor dos assumptos, displicentes. Tinha o Amarillo, havia pouco, arriscado uma definição de Amor, de que derivára um novo debate. Com elle tinha concordado o Julio, que dissera.

— E', afinal, o mesmo principio, que o Goethe defende, consoante a sua concepção de que o Amor, verdadeiramente, não passa de uma affinidade de almas a se attrahirem mutuamente, taes e quaes os aniontes e cationtes da Chimica ao formarem acidos, saes ou bases, — e no nosso caso humano, familias ou contubernios.

Porém, o Osorio retrucára-lhe, incontinente, com um "qual" impositivo, e tomára, a seu turno, como a defender uma these, a palavra. E continuou:

— O Amor não tem leis fixas, meus amigos. Por mim mesmo, tenho amado, muitas e muitas vezes, com a vehemencia propria de todas as expansões dos meus sentimentos, sem saber absolutamente porque. Ou melhor, tenho amado, tantas e tantas vezes, por um nada tão insignificante, que, no fim de contas, dá tudo no mesmo. E essa que amo agora, com todas as veras, que me dá a impressão, até, de que é u'a mulher, de quem jamais poderei privar-me na vida, em hypothese alguma, — a Edith — que me prende ha dois annos, e cada vez mais, essa, por exemplo, é uma curiosidade rara, que põe em cheque, completamente, toda idéa preconcebida sobre o Amor. com A grande. Vou contar-lhe como vim a querer, desse modo apaixonado que vocês bem conhecem, a Edith. E, depois, dir-me-ão si é possivel circumscrever, numa fórma definidora e rigida, o que é o Amor.

Fez uma pausa e, como a titulo preliminar, advertiu:

— Porque, ou é Amor o que me liga á Edith... (os outros approvaram, com um gesto da cabeça)... ou, então, não ha de prevalecer, absolutamente, semelhante definição.

"Ouçam lá. Quando eu conheci a Edith treze para quatorze annos teria ella nesse tempo. Ninguem diria que, entre nós, existisse essa harmonia, quer de idéas, quer de sentimentos, quer, emfim, de idade, que pudesse dar azo a qualquer suspeita de namoro. Na sua pouca

idade, com a espontaneidade, com que me tratava, na minha abstração, em summa, pelo que acaso, nella, já houvesse de "mulher", eu a olhava, positivamente, como a uma criança. Jamais a minha attenção se lhe fixára sobre nenhum detalhe de fôrmas, que pudesse ser objecto de minha preoccupação amorosa, que, sendo humana, e como tantas vezes succede, poderia possuir a sua origem remonta num sentimento, para dizer a palavra, de desejo. Assim criança quasi, eu a olhava de conjuncto, numa rapida visada de alto a baixo, não fixando sinão os pontos extremos da sua figurinha vivaz, como que a medir-lhe a estatura.

"Levava á pura conta de expansão natural e intimidade justificada — pois era amigo dos paes — uma certa insistencia com que fazia praça dá minha pessôa, sempre ás voltas commigo. Não raro, pedia-me que a acompanhasse, aqui, acolá, quando occorria, e isso era frequente, nos encontrarmos na rua. De resto, com a mesma naturalidade, com que me pedia que lhe comprasse umas *balas*, de outras vezes, pegava-me rogantemente da manga do paletó, para que eu permanecesse com ella, até a passagem do bonde, para não estar só.

"Eu era noivo, nesse tempo, da Olga Carneiro, e por signal que andava bem satisfeito da minha propria escolha — e de casamento já marcado. Pois foi a Olga que me fez apaixonado da Edith. Foi o seguinte. Por fôrça do meu transito obrigado para a casa da Olga, pela rua em que morava a outra, todas as noites, indefectivelmente, nos avistavamos. Nada mais natural. Ambos moravamos na mesma rua, transversal á em que morava a Olga, sendo que a casa da Edith ficava mais proximo á rua da minha então noiva.

"A Edith estava sempre á janella á minha passagem. Não havia como furtar-me, nessa hora, a uma pergunta sua, a uma solicitação qualquer, si lhe não devia, já, alguma incumbencia da vespera. O certo é que me detinha, infallivelmente, sempre. Frequentemente, ao seu lado, se me deparava, tambem, a figura da genitora.

Nunca me faltava com o convite para que entrasse, um instante que fosse. Algumas vezes, por simples gentileza, acabára entrando.

"Começou dahi o ciume da Olga, que no principio, trahindo-se por u'as maneiras frias e palavras de uma ironia mal disfarçada, terminou por manifestar a razão da sua attitude revessa. Eu argumentava como podia, procurando defender-me das suas increpações injustas e mostrando a simples casualidade de semelhantes encontros, na minha passagem forçada.

"Acabei transigindo, para prova do meu desinteresse naquelles encontros, em seguir um trajecto mais longo, fazendo uma volta afim de evitar aquella passagem, que

(Continua na pag. seguinte)

era o caminho natural. Mas durou poucos dias.

Logo reflecti que isso importava numa diminuição da minha energia de homem. E continuei andando o meu anterior caminho.

"Na verdade, não me guiava o minimo intuito, que justificasse as impertinencias ciumentas da Olga. E, reflectindo a fundo sobre a natureza dos sentimentos que me ligavam por ventura a Edith, num como balanço das razões que podiam assistir ás suspeitas da minha noiva, eu concluira, quer intimamente, quer olhando as coisas pelo prisma das apparencias, que era perfeitamente estupido o procedimento da Olga e que lhe não devia ceder nesse ponto. Por outras palavras, naquella quasi quebra de relações com a despreveni-da rival, que tanto foram os dias em que a evitei humilhando-me perante mim proprio, eu sentia a consciencia profunda da enorme injustiça. Reagi. E tudo continuou como dantes. Com o meu novo itinerario, recomeçaram as admoestações intempestivas da Olga. Um dia, azedou-se ainda mais a discussão entre nós. No fim, disse-lhe esta phrase, ainda no calor de meus nervos excitados:

"— E' até idiota que te tomes de ciumes por causa de uma criança. Pelo que vejo, não a conheces siquer, a Edith.

FETICHISMO

(Conclusão)

Mas a Olga já explodia, escarninha:

"— Criança? Quem chama *aquillo* criança!

"— Criança, sim, obtemperava. Quatorze annos vae fazer ainda.

"Ah! Foi o que bastou para que a physionomia da Olga tomasse, de chofre, uma expressão que fica muito bem entre o desespêro e o desdem. E, franzindo o sobrecenho, com a cabeça immobilizada por um instante para um lado, a bocca terrivelmente sardonica, ella deixava explodir a phrase brutal, que pretendia ser um argumento, mas que foi apenas a sua mesma derrota:

"— Criança? Com semelhantes seios não se é mais criança. Que não pensasse illudil-a. Ora, criança!

"Foi de então que comecei a amar verdadeiramente a Edith, confesso-lhes. Obcecadamente. Perdidamente.

"Eu nunca pensei que pudesse influir tanto no meu espirito a força de uma suggestão tão material como aquella: "Com semelhantes seios". Na verdade, depois daquella phrase da Olga, foi-se-me de todo a criança, que eu sempre vira na Edith, e só via nella, agora, a verdadeira mulher, feita, com todo o prestigio do sexo — naquella creaturazinha que, ainda ha pouco, eu era até capaz de ninar nos braços, sem pensamentos maus.

"Quanto de fascinação e desejo ella me despertava agora! Sim, depois daquella phrase, fiquei cego pela Edith. Não tardei em acabar tudo com a outra. O resto... Vocês, meus confidentes e amigos, sabem hoje a que ponto vae o prestigio extraordinario della sobre mim."

E, num gesto conclusivo, mãos espalmas no ar:

— Reconheço que estou sendo muito realista contando-lhe esta historia authentica. Mas nós (o Osorio era medico) que estudamos a alma humana debaixo de um criterio todo biologico, nos perdoamos essas miserias que fazem a nossa imperfeição humana, contra as quaes, em vão, empregamos todas as nossas fôrças. No intimo, estou que vocês já me dão uma certa razão para impugnar qualquer criterio exclusivista em materia de Amor. Sinão de um modo geral e absoluto, ao menos, no meu caso em particular.

Adeantando a hora!
a hora do
Elixir de Inhame
constitue sempre
um praser!

Mal-me-quer... Bem-me-quer...

(Conto de Natal — Especial para "Fon-Fon")

De Lauro Mendes

A turba, ansiosa, soffrega, ululante, comprimia-se deante do Tribunal, disputando, raivosa e impotente, os dinheiros que o Summo Pontifice mandára distribuir. Os commentarios ferviam nos grupos mais exaltados, onde a paixão mystica cedêra deante da attracção imponderavel do metal sórdido. As phrases pairavam no ar, e a duvida inquietava a todos, e na cidade immensa, poucas eram as lagrimas que se dividiam, medrosas, pelas enrugadas faces dos rudes campônios. Súbito, cresceu o sussurro: qualquer coisa surgira aos olhos irados da multidão furibunda, qualquer coisa de symbolico, erguendo para os céus os braços rijos e aparados. Uma pergunta estalou:

— Será aquella? a delle? ou a dos outros dois?...

Que mysterio pairava, emfim, naquella cidade cujos habitantes se reuniam, assim, na principal praça publica? Por que recebiam elles o dinheiro que lhes distribuiam? Contra quem bramavam? Que objecto era aquelle que tanto os impressionava? Seriam elles os mysteriosos habitantes da mystica Atlantida, perdida na noite dos tempos?

Dentre os homens, tres sobresahiam: eram um santo, um déspota e um covarde. E a turba, ansiosa, invectivava o déspota a condemnar o justo, e o tyranno, impotente para realizar o crime, convidava o covarde a satisfazer á hyena bramante...

E assim a lenda inicia a narrativa de tres homens de temperamentos differentes e de uma cidade mysteriosa, cujo povo se agitava, inquieto, á simples vista de um objecto que apontava para o céu os braços denegridos e sem symbolo...

* * *

O justo era Jesus. O déspota, Herodes. O covarde, Pilatos. Ao primeiro, a turba apupava como impostor, depois de têl-o visto dar vida a Lazaro e vista aos cegos, salvamento ao leproso e provimento ao inválido. Vaiava ao santo como o infante que aborrece o brinquedo que o distráe. Nada contenta ao povo. Sentindo-se assoberbado pela grandeza da obra do homem que devia julgar, o Romano tenta salvál-o, perguntando ao povo qual o crime de que o accusavam. Silencio. Sim? O crime. Roubo? Adulterio? Sonegação de impostos ao César? Bigamia? Nada. Apenas Amor pelo proximo, á Lei de seu Pae, o sacrificio pelos homens, por aquelles que o seguiam pelas veredas e grotões, que com elle dormiam sob as oliveiras copadas. E' mistér que corra sangue, e assim se descubra o crime. Sim! ha um crime: o justo diz-se Filho de Deus. E, tremulo, hesitante, o Romano a elle se dirige. Defrontam-se os dois homens: num, o olhar brando e doce enternece; noutro, a pusillanimidade, a covardia, o medo, e o receio de offender a um justo. O Romano pergunta-lhe:

— Diz-me: és tu o Filho de Deus?

Volve para elle os olhos o Nazareno mortificado. E os seus lábios balbuciam:

— Tu o disseste, Pilatos...

A hydra continúa á ulular. Mistér se torna fazêl-a calar. Poncio Pilatos cuida poder conseguil-o, e ordena aos centuriões:

— Que o açoitem...

E a breve intervello volta o Martyr, exangue, com o magro corpo lanhado de fundas cicatrizes. Mas é o mesmo olhar doce que lança ao Romano desesperado. Pilatos exalta-se e invectiva a turba:

— Não! Não posso julgar um justo. Rastejae, vermes, e tripudiae sobre o seu corpo immaculado. Mas não mettaes a mim entre os que soffrerão a ira do seu Pae. Eis a minha resposta, féras!

E a um gesto seu, um centurião accorre com custosa bacia de ouro onde Pilatos, á vista do seu povo, lava symbolicamente as aristocraticas mãos do sangue do innocente que elle acabava de entregar á sanha do povo sordido:

— Levae-o comsigo...

* * *

Somente um homem agora occupa o scenario da lenda immarcescivel. Era o justo, o santo, o apostolo, aquelle que, sendo filho de Deus, nada mais tinha do que os que o haviam condemnado. Já não está sob a sombra majestosa do templo de César. Sua sorte infeliz já não depende do Romano covarde, e só a populaça rebelde o persegue com vaias e gritos. Haviam-no preferido a um assassino, quando o Romano lhes acenára com o perdão. Ficará livre Barrabás, o bandido, o salafrario, e martyrizava-se Jesus, o Filho de Deus.

Seus pés doloridos palmilhavam agora os terrenos accidentados da Galiléa. Para onde iria? Para qual tribunal o iriam levando? Que juiz o poderia julgar? Nenhum. Julgar é fazer justiça, e, como Poncio Pilatos, todos haveriam de lavar as mãos. Mas, não. Elle ia quasi nú, e carregava ás costas o estranho objecto que tanto intrigára ao chronista. Eram dois páos cruzados pelo centro, um dos quaes mais alto do que o outro, e, no céu estrellado da Galiléa, parecia que Jesus carregava ás costas um gigante exangue, erguendo os braços sem contorno para a amplidão infinita. Mas pesava, e, emquanto o Filho de Deus soffria com a tarefa superior ás suas forças, as feras se contorciam de riso, centuriões o vergastavam sem piedade a cada parada sua. E um homem, dentre as hyenas, offereceu-se para ajudal-o, não sem quedar-se estarrecido ao constatar o formidavel peso que aquelle homem esquálido vinha arrastando pela collina ingreme. A lenda diz-lhe o nome sympathico: Simão, de Cyrene. O Santo agradece-lhe a fineza com o mesmo olhar tristonho e compassivo com que agraciára o Romano, quando este lhe perguntára si Elle era Filho de Deus. Mas o tope de uma collina, ao longe, fez apressar o cortejo, e as vergastadas choveram com mais intensidade nas carnes do Martyr, emquanto a tarde se despedia, amargurada, daquella Terra crudelissima e truculenta...

* * *

Ora, a pequenina lenda que o chronista gravou no papyro, que resistiu ao embate dos seculos, já não focaliza o Martyr em seu soffrimento, desviando o assumpto para a minuscula e quasi imperceptivel figura de um passaro, um pardalito vagabundo e erradio. Eis como:

Quando Jesus, cansado, descansou o pesado madeiro para receber o auxilio do Cyreneu, da vegetação

(Continúa na pag. seguinte)

rasteira onde o lenho repousou prendeu-se-lhe uma pequenina flôr, de muitas petalas brancas, em fórma de raios. Quedou-se, imprensada, entre uma abertura da cruz, na ponta do seu braço direito. E Jesus continuou a jornada, sem que ninguem attentasse no incidente. No tope do Calvario ergue-se a cruz, e, pregado sobre ella, Jesus. As hyenas, insatisfeitas, bramam em torno do martyr. Um Romano embebe-lhe no corpo, uma, duas, tres vezes, a lança assassina, e a passividade do paciente ainda mais o irrita. Descobre que tem sêde, e offerece-lhe, na ponta da lança, uma esponja com fel. Jesus a nada attenta e entrega-se, a pouco e pouco, nas mãos do Pae.

Subito, um pardalito vagabundo innocente vê a florzinha presa á ponta do madeiro, como se humana fôra, a debater-se, angustiada, nas mãos do vento, que soprava. Corre em seu soccorro, mas suas forças não lhe permittem livrál-a da inesperada prisão. E então começa a despetalál-a vagarosamente, como que receioso de que uma queda brusca magoasse a florzinha.

Attenta o Christo na delicada operação. Seus pensamentos se desviam do soffrimento e concentram-se na ponta do madeiro. Acompanha o trabalho do pardal. Talvez aquellas folhas lhe dissessem :

MAL-ME-QUER...
BEM-ME-QUER...

(Conclusão)

Odio ou Amor que a Humanidade lhe votava. Talvez quizessem bem Talvez mal. E sua voz já quasi extincta acompanha o cahir das petalas:

— Bem-me-quer... mal-me-quer... bem-me-quer... mal-me-quer...

O pardalito continúa a tarefa, e, acompanhando-lhe o compasso, Jesus. Sobre a cabeça da Virgem cahem as petalazinhas, e ella as afasta do manto, sem attentar que a ellas o seu Filho está emprestando o caracter de denunciadoras dos sentimentos dos homens. Vão cahir as ultimas folhas. Jesus reune as suas ultimas forças para não abandonar o paralito. Difficilmente fala, e contrahem-lhe os labios nos ultimos esgares da agonia. Mas já não pertence á Terra. E' o Fim. Mas ainda ha petalas:

— Bem-me-quer... mal-me-... quer... bem...me...quer...

Nublam-se-lhe os olhos. Cahe a ultima petala. Ainda balbucia:

— M...al...m...e...q...u...e...r...

E expirou.

* * *

E assim — narra o chronista — um pardalito vagabundo e erradio deu ao mundo o mal-me-quer, a flôr dos humildes, dos timidos, dos apaixonados, que a ella entregam os seus destinos, seus sonhos, seus anselos; assim ficou sendo chamada a flôr mimosa dos prados gallegos, de petalas esbranquiçadas, a flôr a que Jesus emprestou o caracter de symbolo da humanidade, que applaude hoje para apupar amanhã, que venera hoje aquelle a quem martyrizou hontem, a humanidade que hoje se condóe de Judas que a garotada queima para esquecer-se do Christo, ha uma humanidade, ambiciosa e cruel, demente povoada de sonhos e devaneios tão inalcançaveis que era mistér fazêl-a apenas vislumbrar as possibilidades de suas realizações, para depois fazêl-a desapparecer vertiginosamente, no topo de sua escada de sonhos, como o cysne desapparece angustiadamente com o som do seu primeiro canto...

FESTAS DE NATAL
4 LINDOS E DELICIOSOS PRESENTES
AU REVOIR
Perfume ATKINSON
WHITE ROSE
Perfume ATKINSON
BLACK TULIP
Perfume ATKINSON
ROYAL BRIAR
Perfume ATKINSON
A SERIE DE OURO DAS PESSOAS ELEGANTES:
ROYAL BRIAR - Loção
ROYAL BRIAR - Agua de Colonia
ROYAL BRIAR - Brilhantina
ROYAL BRIAR - Sabonete
ROYAL BRIAR - Pó de Arroz
ROYAL BRIAR - Bandolina
ATKINSON
LONDRES-PARIS-BUENOS AIRES-RIO
A' VENDA EM TODO O BRASIL

UM CORPO SOBERBO E SAÚDE MARAVILHOSA PARA AS MULHERES

UM DUELLO IMPOSSIVEL

De Jorge Dolley

O senhor Radieux entrava em sua casa. Levava na mão direita um ramo e uns pasteis para sua mulher, e, na esquerda, uma caixa de cigarros para seu amigo Ernesto.

O senhor Radieux tinha bom coração. Havia encontrado um companheiro de collegio, Ernesto de Lanlairé.

O senhor Radieux, commovido pelas recordações da juventude, acolhêra Ernesto, dava-lhe todos os ternos usados, convidava-o para almoçar e jantar sete vezes por semana, e lhe emprestára dez contos de réis.

Quando ia entrar na sala, ouviu o ruido de um bofetão. Deixou cahir os embrulhos, abriu a porta, e viu seu amigo Ernesto com a mão na face.

— Teu amigo é um atrevido! — disse-lhe sua mulher. — Teve a ousadia de dar-me um abraço!

— Tu?! Fazer-me isso a mim, que te visto, te dou de comer e te dou dinheiro!?

— Basta, cavalheiro! — disse mui dignamente, Ernesto de Lanlairé. — Sou homem do mundo e estou ás suas ordens.

— Que queres dizer?

— Que tens que bater-te em duello com elle — respondeu sua mulher — para reparar esta offensa.

— Está bem. Bater-nos-emos.

— Naturalmente! — disse a senhora Radieux, muito orgulhosa, pensando que dois homens iam bater-se por sua causa.

— A que arma?

— A pistola.

— Seja.

— Mas, para bater-se a pistola — observou Ernesto — é preciso um sobretudo, e eu não o tenho.

— Meu marido lhe emprestará um: o do dia de seu casamento. Vou buscal-o, e tambem o chapéo côco.

A senhora Radieux voltou com as duas prendas.

— Bello sobretudo! — exclamou Ernesto, olhando o forro de sêda. E vestiu-o immediatamente.

— Mas não é tudo.

— Ha ainda alguma coisa?

— Para bater-me necessito de dinheiro. Tenho que alugar as armas, um carro, pagar um medico...

— De quanto precisa?

— De um conto de réis.

— Aqui está. Com este dinheiro, o senhor fica devendo-me onze contos de réis.

Ernesto guardou o dinheiro.

— Agora está prompto?

— Não podemos bater-nos.

— E por que? — interrogaram, furiosos, o senhor e a senhora Radieux.

— O codigo da honra nos prohibe bater-nos com um homem que nos deve dinheiro.

— Aqui está seu recibo — disse o senhor Radieux, estendendo-o a Ernesto. — E agora, saldada a divida, já nos podemos bater.

— E vou correr o risco de matar um homem como você? Nunca! Este duello é impossivel.

E cahiu nos braços do senhor Radieux, a quem estreitou com força.

— Mas...

— Basta. Nem uma palavra mais. Tudo está esquecido. Convido-vos para jantar commigo em um restaurante.

— Mas...

— Não se alarme: tenho dinheiro.

E tirou do bolso o conto de réis destinado a pagar as pistolas, o carro e o medico...

Não Sofra

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dôres de Cabeça, Dôres no Peito, Dôres nas Costas, Dôres nas Cadeiras, Pontadas e Dôres no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na pele, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

A's vezes a pobre doente pensa que está soffrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente.

O Utero é assim: quando elle está Doente todos os outros Orgãos sentem tambem.

Trate-se! Trate-se!

Use Regulador Gesteira

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

ANGUSTIA DE FIM DE ANNO

De

J. M. Brinckmann

VICENTINO DEL BUSSI bocejou demoradamente. Esticou com fastio as pernas, depois, cruzou-as em "x", ageitou as almofadas de séda negra sob a cabeça e ficou olhando o telhado de verniz escuro do seu aposento de descanso. Cansou da posição. Tornou a virar de lado. Seus olhos perambulam, agora, pelos objectos que se dispõem numa desordem agradavel. Ninguem lhes procura logar certo; pousam onde um qualquer os deixa.

Vicentino, no seu exotismo, sente-se bem com esses tapetes asiaticos e os seus moveis bizarros.

Tem grande admiração pelas folhagens. Só não supporta flôres. Só folhas e ramagens quer encontrar deante de seus olhos. Samambaias, tinhorões, ficus...

Nada lhe faz tanto bem como encontrar uma folha exótica. Uma arvore esguia, fina, com galhos espessos, copa em corôa. Mamoeiros nús, pinheiros de postura insolente, coqueiros immoveis que sobem, sobem... Eis o seu prazer doido... a ansia de attingir, de alcançar, embora nada esteja ao alcance de seus dedos. O esforço de erguer os olhos para olhar-lhes as folhas. O orgulho de ser maior, de querer subir mais, de olhar do alto. Ineditismo de fórma, imprevisto de linhas, colorações aberrantes.

Por isso, esses jarros de xaxim estão com esses pedaços de cactus e enfeitados com urtigão.

Aquellas especies alli, trouxe-as do Oriente. Com ellas vieram aquelles quadros, aquellas carapaças espinhosas, aquelles ouriços e conchas. E muitas outras bambuseiras que foram importadas das cinco esquinas deste planeta que se mexe com tanta moleza. Sim, o fim do anno está ahi. Mais seis dias, bumba!, está-se no anno que vem. Festeja-se no Rio, em Paris, nas Antilhas.

Pucha, que horror Del Bussi tem ás folhinhas e aos relogios!

— ô... ô...

Soltou um assobio de coió.

O hespanhol appareceu á porta do seu aposento, arregaçando a cortina damasco, com a mesma cara, aquelle bigode e aquella voz de avózinha contando historia ao neto. Não lhe perguntou nada. Piscou-lhe o olho e elle curvou-se. Passára-lhe ordens que, naquelle dia, não estava para ninguem. E que puzesse as garrafas de *boomerang* authentico africano e de aguardente de cascas de arroz. Nada de *champagne*. Queria passar o dia sózinho com aquelle pinheiro, que elle mesmo armára no centro do aposento que occupava. Queria se lembrar de alguma coisa. Era esse o seu Natal de todos os annos. Bebia, bebia, com os olhos cravados naquellas velinhas, mantidas accesas até o dealbar do seguinte dia.

Desde a infancia, a mãe o acostumára a velar a noite inteira o pinheirinho todo enfeitado de brinquedos, de fios longos de prata, de bolas e de neve de algodão fino e esgarçado.

Um dia, ella morreu. Seu pae

(Cont. na pag. seguinte)

tambem morreu. E elle, menino perrelho, cheio de vontades, e com uma renda annual de poucos millionarios, ficou sózinho com muito dinheiro e com uma saudade que, talvez, naquelle instante, inda vivesse com elle...

Era só por isso que Vicentino del Bussi, — proprietario de innumeras fabricas de vidro em Calcutta e fornecedor de armas e munições para diversos exercitos deste planeta revolucionario, — nessa noite de Natal, queria ficar só, com a arvorezinha enfeitada de luzes e de côres. Somente por isso. Pareceria banal, si esse motivo não escondesse muitos outros que se entrelaçavam. No intimo, muitas razões encontrava para o seu retiro.

Sem saber mesmo porque amanhecia juntamente com o dia. Uma tristeza, vinda não sabia donde, se apoderava delle, e, — como si se desdobrásse numa figura de espelho, como si agisse por um segundo Vicentino del Bussi, — vivia aquellas vinte e quatro horas, de todos os Nataes, duma maneira differente das que vivia os outros dias.

Era um aborrecimento, uma vontade de chorar... Por causa mesmo dessa transformação, uma das suas favoritas se despedira delle, fugira, julgando-o louco.

Elle, que nunca permittira entrada de mulher alguma no aposento onde passava a sua angustia de fim de anno, fizéra excepção áquella Zu-chá, que tinha uma carinha de ingenua. E ella se horrorizára de vêl-o assim tão desgraçado...

Zu-chá... Seus olhinhos apertadinhos com tantas prégas nas palpebras. Você, com estes olhitos humidos, estas pestanas curtinhas e fartas de pello, com essa — menina-dos-olhos — do negror de nankim. Você, com esses labios, esse rosto nipponico e essa pelle côr de chá, com esse penteado acertadinho e essa pastinha lisa encobrindo a testa como uma faixa de piche. Você, com esses passinhos, essa vozinha dôce, essa expressão mysteriosa onde nada se comprehende. Você, Zu-chá, — figurinha de charão perdida entre

(*Cont. na pag. seguinte*)

mil caixas e a porcellana fina, — foi a tentação que entrou na vida do millionario Vicentino del Bussi.

Que tarde aquella!, heim? Como você se entregou medrosamente. E a jura que você fez de que elle era o primeiro, o primeiro a provar-lhe o sabor. Você, com esse exotismo, foi a unica conquista que o celibatario Del Bussi fez por si mesmo, com as suas proprias palavras. Por isso, elle encontra sempre em você alguma coisa differente das outras.

Elle quando passeiava, naquella tarde, pelas ruas do Kioto, cansado de contemplar os templos budhas e o lago Biva, tinha comsigo o desejo da conquista. Vinha displicentemente, com os olhos perdidos em todo lugar, quando viu você e os seus olhitos humidos e fartos de pello. Zu-chá, você reparou-lhe o espanto? Elle julgou-a uma boneca perdida entre tantas outras. Não se conteve e entrou para comprar alguma coisa. Motivo para vêl-a melhor... Elle não comprou nada, (não foi Zu-chá!), nem porcellanas, nem leques, nem telas de canhamo estampado. Do bazar de Zu-chá trouxe, simplesmente, o amor da exotica Zu-chá.

Você tornou-se, então, sua preferida. Viajou com elle anonymamente. Contou-lhe muita coisa da

ANGUSTIA DE FIM DE ANNO

(Continuação)

sua terra da paciencia. Morou com elle no palacete rosa, que era todo seu.

Tudo isso durou quasi um anno. Quando chegou o Natal, — dia da sua angustia de fim de anno —, Zu-chá, você fugiu horrorizada. Vicentino del Bussi espancou-lhe, quasi a machucou com a sua ira de vinte e quatro horas. Depois, Zu-chá, você, — alma de porcellana, que com o mais leve toque se desfaz —, foi chorar a sua dôr longe desse homem.

Fastio de millionario, insujeições banaes de amante, que se julga escravizada muito tempo depois de ter sido!

E elle vivia repetindo pelos quatro cantos do palacete rosa...

— A minha japonesita fugiu...

Sim, você fugiu com uma carteira de cheques. Essa carteira acabou-se depressa — não foi, Zu-chá? —, e elle mandou-lhe muitas outras. Continuou a sustental-a e, talvez, a um outro qualquer. Para Vicentino isso não tinha importancia. Era preciso que elle gastasse o dinheiro..., e, Zu-chá, você foi a japonesita mais gastadôra que eu conheci.

Assobiou. O creado hespanhol trouxe mais outra garrafa do authentico *boomerang* sul-africano. Del Bussi devia estar enxergando muito mal, as luzinhas do pinheiro.

Tirára os sapatos. Já desabotoára o casaco russo. Tentára levantar-se, mas as pernas pareciam não lhe supportar o corpo. Quasi não se mexia no divan; estendido ao comprido, bôcca aberta, bebia pelas mãos do hespanhol. Adormecêra algumas vezes para accordar sobresaltado.

— Zu-chá... Zu-chá...

E muitas outras palavras sahiam-lhe dos labios arroxeados. Seu intimo parecia estar em alvoroço. Sua testa se cobria de suor.

— Ninguem, ninguem aqui... aqui...

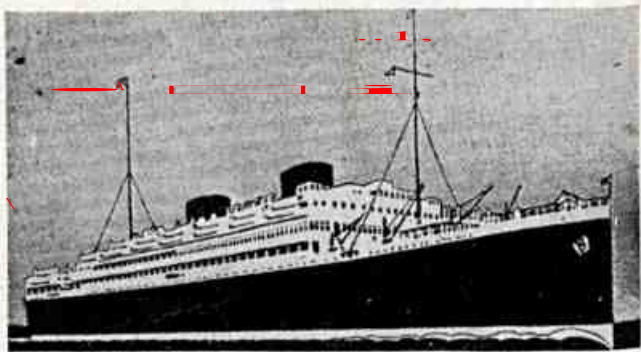
Cahiu, prostrado. Os cabellos desmanchavam-se-lhe pela testa pallida. Offegante, exprimia o rosto com as mãos. Falava com os olhos apertados, careteando, com grande esforço.

— Eu já não posso... Encham-me a casa... a casa...

... a casa...

E parava com os labios trementes, babando...

Virou para o lado e quedou-se immovel. O hespanhol empurrou a mesa para longe. Ficou-lhe com

(Cont. na pag. seguinte)

GRANDE LABORATORIO HOMEOPATHICO

O mais antigo e o mais importante da America do Sul, de

Araujo Penna & C.
Rua da Quitanda, 57
RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1870

Fornecedor de todos os Hospitaes do Rio de Janeiro

O periodo de 62 annos de constante prosperidade é o attestado irrefragavel da superioridade dos productos do Laboratorio Araújo Penna.

Premiado com grande premio e medalha de ouro em varias exposições nacionaes e estrangeiras.

Mais de meio seculo de successivos e notáveis exitos é a prova convincente da excellencia dos preparados do Laboratorio Araújo Penna

Homeopathia Araujo Penna

O Laboratorio Araújo Penna sendo o mais importante do Paiz, com mais de meio seculo de tradição honrosa a zelar e achando-se sufficientemente dotado dos melhores apparelhos modernos sob competente direcção e constante vigilancia dos seus proprietarios, está mais que qualquer congenere habilitado a preparar A MELHOR HOMŒOPATHIA, em todas as fórmas e em qualquer dynamisação.

A Homœopathia Araújo Penna pela sua pureza chimica, pela sua cuidadosa preparação e pela sua prompta acção curativa, é a mais segura defesa contra todas as moléstias que assaltam os lares.

Medicamentos especiaes, indispensaveis em toda casa de Familia

TONICO PHYSIOLOGICO PENNA — Excellente e feliz combinação de productos vegetaes, cujas virtudes therapeuticas são largamente conhecidas.

Este poderoso medicamento é de uso efficaz na DYSPEPSIA, NA ANEMIA, NA CHLOROSE, NA INSOMNIA, NA HYSTERIA, NA DEBILIDADE de todo genero e nas diversas fórmas de NEURASTHENIA. Cura o esgotamento devido a excessos de trabalho mental ou physico, bem como o depauperamento resultado das multiplas occupações da vida hodierna. E' de grande proveito aos debilitados por doenças recentes ou chronicas e de notável utilidade as senhoras que amamentam. E' um grande reconstituinte que substitue com vantagem todas as outras medicações conhecidas, muitas vezes excitantes e por isso prejudiciaes. Esta maravilhosa medicação restaura as forças e augmenta consideravelmente o peso, em pouco tempo.

DIGESTIVO PENNA — Insuperavel Especifico para as molestias do estomago

E' um dos melhores medicamentos bastantemente experimentado por clinicos que o recommendam como especifico para debellar a Dyspepsia e outras enfermidades do estomago. O Digestivo Penna já conta innumeros e valiosos attestados de curas admiraveis.

CEREUS BRAZILIENSIS — Remedio soberano. Combate com segurança a totalidade das moléstias do coração

Medicamento do reino vegetal, cujas propriedades therapeuticas foram descobertas pelo fundador deste Laboratorio. Remedio poderoso e efficaz, de uma acção rapida para a cura de todas as fórmas de molestias do coração. Este prodigioso medicamento, pelo grande numero de curas realizadas ha conquistado plano de destaque entre os melhores remedios similares.

ARCEA — Proeminente abortivo e debellador dos resfriamentos

Especifico granulado de effeito rapido e seguro para combater as constipações e grippe. No começo da influenza e resfriados a sua efficacia é muitas vezes immediata. Os resfriamentos curam-se radicalmente em 24 horas com o uso deste optimo remedio.

* * *

Ha ainda, muitas outras especialidades do Laboratorio Penna de franca acceitação, cujas virtudes curativas são comprovadas por innumeros e valiosos attestados.

EXPORTAÇÃO para todos os Estados do Brasil e alguns paizes estrangeiros. Os productos Araújo Penna encontram-se á venda nas pharmacias. Remetteremos catalogos e livros de homœopathia a quem solicitar.

RUA DA QUITANDA, 57 — RIO DE JANEIRO — End. tel. ARCEA — Tel. 4-4569 e 4-2383.

CONVÉM PRECAUÇÃO COM AS IMITAÇÕES FRAUDULENTAS

EXIJAM A NOSSA MARCA DE FABRICA

O MYSTERIO DAQUELLA NOITE DE NATAL

— QUEM é que anda ahi? Quem é?...

.. ..

Era meia noite.

A chuva, grossa, cahia incessante. Goteiras estalavam nas pedras e a agua, barulhenta, rolava nas sargetas.

Havia pouco que eu chegára da rua. Estivéra preso por causa da chuva, até quasi áquella hora, em casa da familia Brasil.

Noite de Natal.

Distante, misturando-se com o ruido da chuva, ouvia-se o bimbalhar dos sinos...

Debruçado sobre a mesa, com diversas tiras de papel á minha frente tentava rabiscar alguma coisa para o jornal de um amigo — o Oliveira. Mas nunca me senti tão embotado como naquella noite.

Mettia com força a penna no velho tinteiro e ficava a pensar, com os cotovelos fincados na mesa...

Desanimado, cruzei os braços e puz-me a andar ao longo do quarto. Sentei-me novamente, com os dedos enterrados nos cabellos, e fiquei á espera, á cata de um motivo para o artigo.

O Oliveira, nortista de talento e muito moço ainda, era o director do jornal. Conhecio numa tarde fria de junho, no Café Academico.

Fazia pouco tempo que apparecêra na capital e, de um dia para

(Cont. na pag. seguinte)

QUE LINDAS CARINHAS!...

(ESTRELLAS: E. BARRADA, IMPERIO ARGENTINA E ROSITA DIEZ).

O segredo para possuir uma cutis lisa, uniforme e attractiva, revelado por uma doutora de belleza.

Eis o conselho da Doutora Leguy, para as mulheres que desejam manter a belleza do rosto.

1.o) — *A noite faça uma massagem branda com o creme Rugol para remover a terra, o sujo, as secreções e o suor que se accumulam durante o dia, esfregando depois com uma toalha secca para limpar bem.*

2.o) — *Ao levantar-se pela manhã lave o rosto com agua quente e termine enxaguando-o com agua fria. Depois passe o creme Rugol tirando o excesso com uma toalha e applique o pó de arroz. O collo tambem deve ser cuidado do mesmo modo. Não se esqueça.*

NOTA — *Este tratamento deve constituir um habito diario, incessante e não de semanas apenas. No culto á belleza reside a força da mulher.*

ANGUSTIA DE FIM DE ANNO

(Conclusão)

a cabeça nas mãos enxugando-lhe a fronte. Desapertou-lhe o cinto.

— Zu... Zu... chá... Zu...

Estendia a mão para o pinheiro cheio de luzes, que em outros tempos fôra o seu brinco mais lindo de criança. E, então, o mundo parecia-lhe a sua grande sala de brinquedos onde nada lhe faltava. Aquella bonequinha japoneza, — oh! sim elle tivéra uma boneca que se chamava Zu-chá... Tivéra, mas, um dia a desfez em pedaços, a reduziu a cacos de porcellana.

A sua boneca de olhos parados...

Ah! a sua angustia de fim de anno!...

* * *

"Vá, por todos os céus e estrellas, vá, hoje, que elle só quer você Zu-chá. Eu deixo que você vá. Deixo que você seja delle, ao menos nesse Natal. Ficarei sozinho com esse pinheiro cheio de velinhas, com a casa vazia de você, mas com a certeza de que Vicentino del Bussi não soffre mais. Soffrerei pela primeira vez a sua ausencia. Vá emprestada, vá para o Natal desse desgraçado que tem tudo, mas não tem o que eu tenho: o amor de você, Zu-chá..."

Estou Satisfeita
Encontrei o preparado
ideal para minha pelle
Leite de Colonia

o outro, começou de assignar artigos de valor em quasi todas as folhas diarias.

Quando fundou o seu jornal, no anno passado, pediu-me que mandasse alguma coisa, que escrevesse...

Lá ficava elle o dia todo, com um par de vidros grossos brilhantes nos olhos, a escrever attentamente, ou a folhear algum livro, muito curvado sobre uma das mesas da redacção.

Magro, tossia continuamente e andava sempre mettido num terno antigo de casimira preta.

O Oliveira Netto era uma grande alma e um grande amigo, e foi com profundo pesar que o abracei na *gare* da Luz, quando embarcava para Minas, em busca de melhoras para a sua saude...

.. ..

— Quem é que anda ahi?

Ergui-me de um salto e perguntei, com voz tremula, apertando, nervoso, o cabo do meu punhal.

As minhas palavras perderam-se no aposento fechado. Tudo silencio. Só a chuva continuava lá fóra.

Alguem andava na sala. Senti o arrastar de uma cadeira e o ruido que faz uma pessôa ao sentar-se. Escutei melhor e ouvi a cadeira estralejar e os passos continuarem meio arrastados, parando deante da porta fechada do meu quarto...

O MYSTERIO DAQUELLA NOITE DE NATAL

(Conclusão)

— Quem está ahi?

Um arrepio de médo correu-me da cabeça aos pés. Não era possivel, pois só eu morava alli e as portas estavam bem trancadas.

Estaria eu dormindo? Belisquei-me para me certificar da verdade. Estava acordado e bem acordado.

E assim passei momentos angustiosos, retendo, apavorado, a respiração e fazendo mil conjecturas.

Criei coragem e, resoluto, já que ninguem me respondia, ia abrir a porta, quando uma voz abafada, vinda de fóra quasi como um gemido falou vagarosa e arquejante:

— A morte do Oliveira... Escreva sobre a morte do Oliveira!...

E os rumores dos passos se afastaram, meio arrastados, apagando-se ao longe, lá pela sala de jantar...

Fulminado por aquellas palavras cheio de terror, senti uma especie de vertigem e cahi pesadamente na cadeira.

Gottas de um suor gelado rolavam-me pelo rosto. Tudo aquillo parecia um sonho.

Inerte, quasi sem tomar folego, como que petrificado, alli passei o resto da noite, sem atinar com o que devia fazer — si obedecer ou não á voz mysteriosa...

Fóra, distante, os primeiros cantos dos gallos misturavam-se com o ruido da chuva, que cahia sempre. Perto, na esquina, um trillar agudo de apitos rasgou a monotonia da noite...

.. ..

Pela manhã, logo que a cidade acordou, fui anxioso, ainda impressionado, á redacção do jornal do Oliveira, pedir noticias do meu infeliz amigo. Encontrei os seus auxiliares alvoroçados. Um telegramma laconico, vindo de Minas, tinha trazido a nova do fallecimento de Carlos de Oliveira Netto.

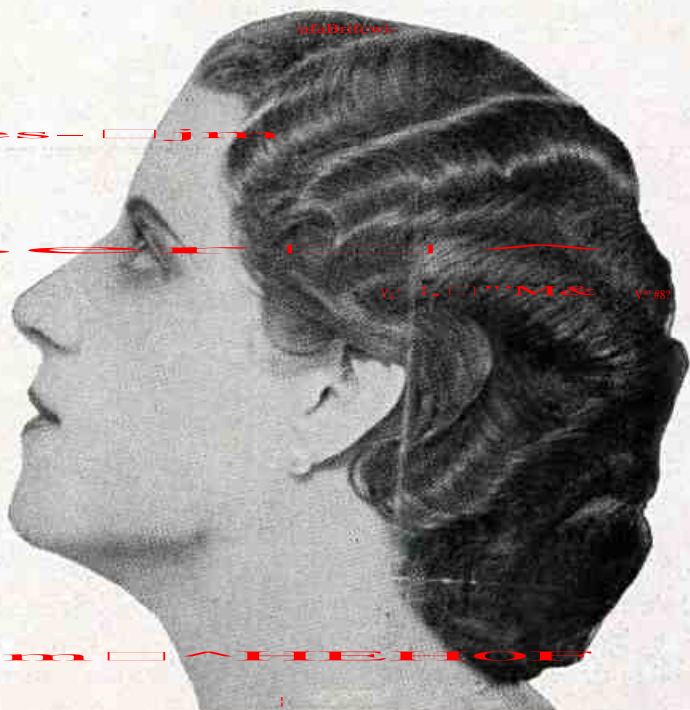
E, quando entrei, o Reis, secretario do jornal, adejando tristemente no ar a sua mão pequena e magra, exclamou:

— Vieste em bôa hora. Escreve para nós o necrologio do Oliveira, tu que o conhecias tanto e que tanto o estimavas...

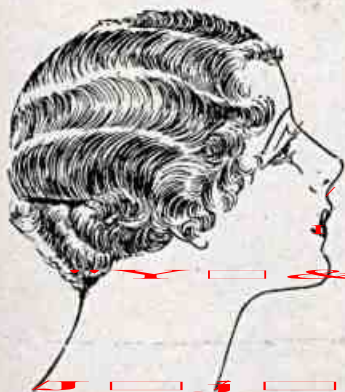
E até hoje, sem comprehender bem guardo commigo o mysterio daquella noite chuvosa de Natal.

Borges Netto

Porque a casa A. Doret é preferida?

— Porque verdadeiros artistas formados pelo mestre A. Doret executam penteados que podem ser imitados mas não igualados. Uma permanente na casa A. Doret é sempre a certeza de ter os cabellos imitando os cabellos crespos naturaes sem exagero nem resecação nem mudança de côres.

Uma tinta para cabellos que dá a illusão do natural, só na casa A. Doret.

Um producto de belleza que deixa o rosto isento de espinhas que não engrossa a pelle, póde ter a certeza é do A. Doret.

Um bom perfume, melhor que o estrangeiro tem o nome A. Doret

Mãos bem tratadas, unhas com esmalte que não saem, ainda na casa A. Doret

Nenhuma casa é tão confortavel como a casa A. Doret. rua Alcindo Guanabara, 5-A Rio de Janeiro

VOVÔ INDIO

OS jornaes estão com médo do vovô Indio... Não querem saber de tradição cabocla. Mas é uma bobagem. A tradição india é mais bonita que a tradição preta. E nós temos, quer queiramos quer não, em nossa origem ancestral, o vulto escuro e curvo da mãe preta. E' só uma questão de querer olhar. Ella lá está em nosso passado ethnico e historico. Queremos ser brancos... Que bobagem! "Cadê viramundo, pemba"?!

Vovô Indio, bom vovô Indio, eu te espero, ansiosamente, neste Natal... Vem aconselhar á gente desta terra, que foi tua, a ser bôa e generosa como tu foste! A guardar, sem vaidade triste e ironica, as tradições profundas deste sólo, que semeaste de heroismo, de simplicidade e de doçura. Esta gente cafusa quer desdenhar dos dolicolouros, deuses europeus de olhos azues. Mas não descende, não. Descende é de "tres raças tristes", como disse o poeta. E de ti, principalmente, que eras dono deste céu e destas paizagens, tão dôces!

Vovô Indio, vem dar intelligencia e simplicidade a estes tupiniquins da Avenida, aos almofadinhas das letras, da politica e do nosso "set" social, de pelle branca e sangue mestiço...

Pensando em ti, meu velho antepassado, penso como te riragain da nossa civilização, si a pudesses ver... e comprehender! Que ridiculo! A tua malicia se saciaria. Mas não, és bom e chorarias de piedade. Não rirías, por certo, dos tupynambás do seculo XX que povôam a terra que já povoaste...

Adeus, Papae Noel, tu és germanico, e eu sou nacionalista. Não te quero mais, no Brasil, na vespera de Natal, dando presentesinhos aos brasileiros e misturando uma tradição falsa á nossa tradição. Este anno, os brasileiros, de norte a sul, vão esperar o vovô Indio, com o seu penacho de pennas e o seu tacape... Que trará elle? Não sei... Si eu pudesse pedir alguma coisa... Ah, bom vovô Indio, traze, por favor, um pouco de paz e ventura para o Brasil...

GUARANY

NOTAS DE ARTE

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA. — Artista de raça no sentido preciso do termo — filha e irmã de poetas do verso e da prosa — a srta. Margarida Lopes de Almeida é tambem poeta, poeta plastico dos mais notaveis da actualidade brasileira. Vimol-o percorrendo de relance a exposição que realiza num dos salões do Palace Hotel.

São 18 trabalhos esculpidos nas mais variadas materias: marmore e bronze, terra-cota e faiança, pedra e sililite. Reproduzem os idealizam figuras e scenas; e plasmam sentimentos e idéas. Quasi todos possuem o predicado commum de impressionar pelo bem acabado das formas e pelo dynamismo que dellas flue.

O vaso de faiança — *O Amor conduz a roda* — é desse effeito cabal exemplo. Além da precisão anatomica das attitudes, sente-se o movimento que as figuras anima.

Em *Domingo de Festa* e *Cachopa*, fixou a artista typos caracteristicos da gente portugueza, todos palpitantes de vida e de verdade.

Mas onde o talento da esculptora se mostra em pleno fulgor de belleza technica e esthetica é na estatua de pedra *S. Sebastião*, no marmore *A Morte do Cysne* e no bronze *Alegria*. A estatua de S. Sebastião é de notavel poder emotivo. Quem lhe contempla a physionomia e o corpo atravessado de flexas, parece assistir a todo o martyrio do santo. *A Morte do Cysne* é... a morte immortal de Pavlova vivendo a musica celebre de Saint-Saens. A esculptura de Margarida Lopes de Almeida é a imagem plastica da divina dança da genial artista slava. Por ultimo, o baixo-relevo *Alegria*, que poderia figurar num templo grego do seculo de Pericles. A alegria, a alegria pagã que ella idealiza parece-nos difficilmente se poderia plasmar com mais perfeição. Ouve-se a flauta de Pan, vêem-se as figuras dançando. O bronze *Anima mea* ia nos passando despercebido. A imagem de uma mulher curvada, sem deixar ver o rosto, não nos interessava. Mas depois, examinando de perto, a impressão mudou. A occultação do rosto, que a sabedoria popular apellidou o espelho da alma, em nada diminuiu a vida da figura, que a alma se lhe espalhou por todo o corpo. Adivinha-se, na eloquencia muda das linhas corporeas, o drama interior que a physionomia occulta deve exprimir.

Como *S. Sebastião*, *Alegria* foi premiado no Salão de Paris com menção honrosa, o que, á primeira vista, parece não corresponder a todo o valor das duas obras — que deviam ser *medalhadas* e não simplesmente *mencionadas*, sobretudo *Alegria* — mas, se se attende que o premio foi dado a uma estrangeira, entre mil concurrentes, de que só nove podiam ser premiadas, vê-se que realmente é de grande valor a consagração recebida em Paris pela notavel artista brasileira.

Embora toda a gente o saiba, registemos que a esculptora de *Alegria* e de *A Morte do Cysne*, de *S. Sebastião* e *Anima mea* é a mesgrande declamadora de *Les Fruits Murs de la Paix* e *La Fille du Roi*, de *Musica dos bilros* e *As Rosas*; Interprete da poesia verbal e creadora de poesia plastica, a nossa illustre patricia é uma fi-

O sr. *M. Maurity Santos*, novo Chefe dos Serviços Externos do *Instituto Freuder*, em plena atividade na Avenida Rio Branco na sua inteligente propaganda do *Synorál* — a melhor pasta para dentes — formula do *Dr. Eyer*; *Cessatyl* o remedio que cessa qualquer dôr e magnifico na gripe — *Digestivo Eyer* — o melhor remedio para o estomago e *Calceon* para fortificar os dentes e os ossos, o remedio que toda a creança deve tomar para ter os dentes fortes e evitar a carie.

gura unica no movimento artistico brasileiro, porque, parece-nos, não existe entre nós quem ao mesmo tempo declame e esculpa como declama e esculpe Margarida Lopes de Almeida.

Não nos escape ainda uma observação. E é a influencia reciproca das duas artes na sensibilidade da artista. A sua declamação é uma esculptura verbal: a sua esculptura, uma declamação plastica. No bronze *Alegria* as figuras declamam; na poesia *Musica dos bilros*, as palavras são relevos...

MARIA DE LOURDES SA' EARP. — Mais um concerto e mais um triumpho da joven cantora de bello presente e auspicioso futuro — srta. Maria de Lourdes Sá Earp. Reappareceu no 6.º concerto extraordinario da As. B. M., realizado integralmente com o só concurso da intelligente artista em a noite de martedia, 12 de dezembro, no I. N. M.

Alem do extra — *Les trois petits garçons* — foi ouvido este programma, com Mario de Azevedo ao piano: — I) VIVALDI — *Un certo non so che;* SCARLATTI — *Sento nel core;* S. DE LUCCA—*Non posso desperar;* MOZART — *Voi che sapete* e *Alleluia;* II) GRANADOS — *Gracia;* BUCHARDO — *Il carretero;* A. VIANNA — *Canção de Sybilla;* NEPOMUCENO — *Amanhecer;* III) L. AUBERT. — *Les jeux;* BOUSSIDON — *Dans le jardin;* DEBUSSY. — *Fantoches;* IV) R. HAHN — *Chansons grises; Les sanglots longs, L'allée est sans fin;* SAINT-SAENS; — *Pourquoi rester seulette;* L. DELIBES. — *Les filles de Cadix.*

A joven cantora Jucyra Albuquerque Lima, elemento de destaque em nossos meios musicaes e sociaes, onde desfructa largo prestigio. Alumna do Curso da sra. Nicia Silva, acaba de tomar parte, com successo, na festa ha pouco realizada por aquella illustre professora, no Instituto Nacional de Musica. Brevemente, a nossa galante patricia dará um concerto de musica classica e moderna, e essa noticia já vem despertando interesse nos circulos artisticos e mundanos do Rio de Janeiro.

Entre a victoriosa estréa do Municipal e o novo concerto do Instituto, mediando apenas um mez, claro é que a cantora nada de novo nos podia revelar quanto ao aperfeiçoamento da sua voz e da sua arte. Mas é de justiça assignalar que *Alleluia* do I. excedeu muito a *Alleluia* do M. E *Fantoches*, bisado num e noutro concerto, pareceu-nos ainda melhor no 2.º do que no 1.º, embora em ambos sempre bem cantado.

Segundo o grão de emoção produzida, destacamos especialmente a graça, a vivacidade, iamos dizer o *salero* com que cantou *Gracia*, o fulgor lyrico dramatico que imprimiu a *Sento nel core, Il carretero*, e sobretudo *Les sanglots longs*, e ainda a sensibilidade communicativa, o sentimento exuberante com que viveu *Les filles de Cadix*.

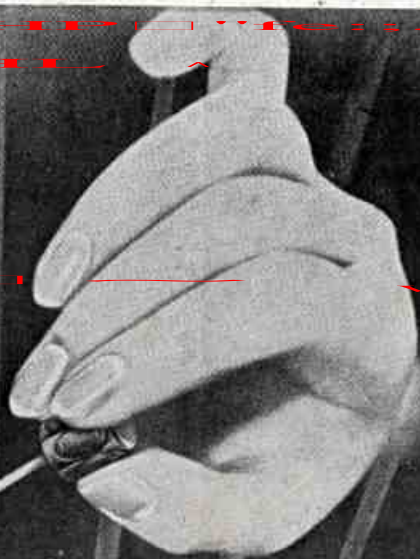
A srta. Sá Earp, com o seu invejavel talento, com a sua immensa vocação artistica, não deve ficar onde está; é preciso subir e chegar até os cimos a que tem o direito e o dever de attingir para a sua e gloria do Brasil.

OSCAR D'ALVA

LOTERIA FEDERAL DO BRASIL
e, como a esperança
ainda é o grande bem,
eu te mando a maior,
de tôdas, neste bilhete
da Loteria Federal
do Brasil!
Primeira Extracção:
4 de Janeiro de 1933
Preço nas casas lotericas:
200 contos por 40$000
A unica loteria do
typo das grandes
loterias mundiaes

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 52

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 24 de Dezembro de 1932

A sombra do Precursor

MERGULHADO nas sombras noturnas do deserto, o Precursor meditava sentado numa lage, a cabeça escondida entre as mãos. Meditava na maldade da nova e ainda mais impura Jezabel que prendia nas teias do vicio e do amor o tetrarca Herodes, no seu castelo de Makeros. Meditava... Parecia uma figura de pedra cravada na pedra. O nodoso bordão que encostára ao ombro semelhava um cactus a brotar duma fenda do granito. E a grenha hirsuta lembrava a herva raquitica que cobre os cabeços dos penêdos.

Meditava na perdição e na salvação do mundo. Na perdição pelos artificios da Serpente. Na salvação por Aquêle que previa e que anunciava á tremula esperança dos sofredores. Meditava imovel e silencioso na imobilidade e no silencio do deserto imenso...

De repente, um clarão o envolveu. Abriu e logo cerrou os olhos ofuscados. Depois, lentamente os acostumando ao fulgor estranho, passeou-os em volta de si. O areal era como um mar de prata, onde as palmeiras anãs e torturadas, os candelabros dos grandes cardeiros e as ondulações mais bruscas do terreno se recortavam em perfis negros como de bronze. O fio pêco do Jordão deslisava longe, palhetado de cintilações, por entre os espinheiros intensos. Na falda dos montes galileus, brilhavam as faces caiadas dos casais. A bruta cidadela de Makeros era um ponto reluzente no fundo do horizonte. E, no céu arqueado, profundo, imenso, uma estrela nunca vista faúlhava como uma joia divina.

O Batista pôs-se de pé e a sua sombra alongou-se desmesurada sobre a areia. Uma música sutil palpitou como um bater de asas no espaço e foi augmentando de intensidade até que encheu de suaves melodias a amplidão. Anjos, arcanjos, thronos e dominações, querubins e serafins cantavam a bôa-nova:

— Gloria a Deus nas Alturas e paz aos homens na terra, de bôa vontade!

Um suspiro de satisfação dilatou o magro peito do Batista. Voltou-se para os lados de Belem, deixou cair o cajado e abriu os longos, magros braços:

— Gloria a Deus nas Alturas e gloria ao Messias que traz o bálsamo do perdão aos que pecam e o bálsamo da consolação aos que sofrem!

A música perdia-se na luz e a luz perdia-se na música, na profundidade do céu. E a sombra do Precursor, de braços abertos, desenhava na areia prateada do deserto uma cruz escura...

GUSTAVO BARROSO

ALDEIA do FIM do MUNDO

A aldeia fica lá no fim do mundo. Quieta, reúne, apenas, meia centena de casinholos, com o quintalejo florido de begonias e rescendendo a mangericião. A poucas braças, um riacho se enfeita de espuma, rolando sobre o pedrouço do leito accidentado. Os ninhos bolem ao vento, sacudindo azas ainda implumes. A serra é um poema verde entoado á gloria do sol. Reina uma paz de solidão e de amor, na aldeia quieta. As nuvens se conglomeram e baixam á hora da sesta para proteger o somno dos que servem a Deus, exhaurindo-se no trabalho. Até os brutos fraternizam na paz, ajudando ao homem. E envolvendo tudo, como num milagre, o dom da liberdade, exprimindo-se na voz das coisas naturaes, cantando na festa das frondes verdes, na illuminação do sol tropical na polychromia das moutas em flor, no noivado dos insectos e das constellações.

Um dia, a aldeia amanhece triste. O riacho perde o seu collar de espuma. As begonias murcham e o mangericião não cheira mais como dantes. Na hora da sesta, é o sol que parece baixar, sem um fiapo de nuvem. Os bichos adoecem da tristeza impenetravel dos brutos. E a lua de mel dos insectos e das flores interrompe-se, velada por um manto de viuvez. Nunca mais voltará a alegria á aldeia deserta. Os casinholos serão taperas e a historia da aldeia reflorirá, apenas, na saudade dos sobreviventes, que se foram para outras terras, attrahidos pelas luzes da Cidade...

* * *

Meu Amor: Eu sou a tua aldeia florida de begonias, com aguas cantantes, enfeitadas de espuma e ninhos em festa, nas frondes verdes. Eu sou a tua aldeia do fim do mundo, alegre, nupcial, pobrezinha, mas contente da vida. E seria, apenas, aquella meia centena de taperas, si eu te perdesse, um dia...

POVINA CAVALCANTI

Robe de mariée en fleur de soie blanche.

(Photo especial para FON-FON).

NOSSA SENHORA

DEANTE do presépio, padre Paulo, num halo de bondade, numa transfiguração de êxtase, com gestos meigos de azas que se abrem, fluctuantes no ar as rendas das espiguilhas alvissimas das mangas do burel, a voz enternecida como num conselho e num perdão, falava aos meninos pobres, filhos anonymos da orphandade, irmãos na familia humilde da caridade, ao lado da mangedoira, junto ao berço divino.

— Aquella, é a estrella pegureira, astro da annunciação, arauto inflammado do céo, prenuncio luminoso, alva e vesper, facho que ateia os arrebóes matutinos, lume primeiro nos crepusculos do entardecer. Desceu sobre o beiral da gruta para velar o somno innocente, como uma lampada votiva. Oblata do firmamento, accesa de fé, em nome dos apostolos, dos anjos, de todos os outros astros, sobre o palhiço agasalhador. Quando ella brilhou nas alturas, todas as almas se aclararam e todos os olhos, deslumbrados, comprehenderam a milagrosa prophecia. Sob a sua refulgencia, Nossa Senhora, que sorria, adorando o filho, ficou engrinaldada do nimbo de sua luz.

Seguindo o seu rastilho de oiro no espaço translucido, vieram, de todos os recantos da terra, mulheres com lyrios sobre o seio, mendigos com azas de pombas mansas ruflalhando entre as mãos, campónios trazendo colmeias partidas, com favos reçumando mel, e reis com offerendas preciosas, crianças com palmas viridentes, com amphoras de perfume, com gigas de uvas e figos. Nossa Senhora agradecia, commovida, no risonho conchego de palhas e de colmos!...

Fica-se a pensar que, quando as aguas do diluvio foram abaixando, acalmados os vagalhões do deserto marulhoso, a Arca de Noé poisou sobre o presepio. Por isso, está cheio de animaes, canorizado de pássaros, sussurrante de insectos. Lá está o gallo empennachado, com uma lasca de rubi na crista. Elle cantou quando o filho de Deus nasceu, e, quando se entreabriram os olhos da sideral criança, a natureza encheu-se de tanta claridade, que é por esse motivo que os gallos clarinam no alvorecer, enganados de que o divino instante se repete. Tambem ao lado de Nossa Senhora está o jerico paciente, em cujo dorso Nossa Senhora, levando o filhinho ao collo, a temer pelas iras de Herodes, seguiu rumo do desterro, em fuga para o Egypto.

Junto á fonte que borborinha, a chorar no cocho de um monjolo, uma girafa estica o pescoço, a devassar, a adivinhar o enlevo que paira sobre tudo. Mais além, na curva da estrada ,um elephante que, de tanto procurar, no areal abrazado, o rumo dos oasis, a sombra das palmeiras, ficou com o vicio de oscillar a tromba. A tromba do elephante parece uma bússola a indicar o caminho do deserto!

Todas as vezes que o filho soffria, seu coração sangrava, atravessado de uma espada. Sete chagas foram o martyrio da sua vida. Uma vez, Jesus perdeu-se. Nossa Senhora chorou a terceira lagrima, e, louca de dôr, foi encontrar o filho predestinado, junto a uma columna, no Templo, entre os doutores, deslumbrando os sábios. O lenço de Nossa Senhora, tecido de luar, tem no meio a imagem rubra do filho adorado. Com elle, no viatico do supplicio, Nossa Senhora enxugou, no seu rosto macerado, vincado de cicatrizes, o sangue que corria da fronte nazarena, sob a corôa de espinhos. E' o trapo doloroso da Veronica. Quando desceu da cruz o seu misericordioso filho crucificado, Nossa Senhora chorou, sobre o lagedo do tumulo sagrado, a lagrima derradeira. Por isso, das pedras borbotam as fontes de agua múrmura, e as lymphas de crystal, lacrimejantes, são a lembrança desse pranto maternal, a humidade dessa lagrima eterna que orvalhou toda a terra e dessedenta todas as almas afflictas.

Nossa Senhora jámais abandonou, um só instante, o seu filho de olhos côr de céo, na alegria, quando recebeu dos magos a myrrha e o incenso, dos pastores, o arminho de uma ovelha para afofál-o, o som de uma avena para adormecêl-o, ou no desespero, a tactear no caminho do Calvario.

Nossa Senhora acolhe sempre. E' só misericordia, toda graça e pureza. Ella teceu o frouxel de um ninho que nenhuma tormenta, através das coisas e dos homens, consegue desfazer. Dentro da eternidade resplandece divinamente como o numem da familia. Ella é uma virtude constante, a perpetua padroeira do amor, a imagem translúcida da esperança e do perdão. Foi Nossa Senhora que ensinou ás mães a embalar o berço das crianças...

* * *

Padre Paulo fez um longo silencio, commovido. A sombra de uma amargura desceu sobre o seu olhar marejado. E' que, entre os pequeninos sem berço, entre os desherdados sem mãe, que o escutavam, num enlevo, deante do presepio, um, o menor entre todos, o mais franzino da fileira anonyma, tinha os olhos alagados de pranto: chorava, — com uma inveja louca de Jesus!

EDVARD CARMILO

Carta a uma feminista

«MINHA senhora: — Lamento que v. ex. não queira fazer o serviço militar, nesta Republica Nova, tão cheia de idéas velhas... Lamento-o porque gostaria de vêl-a de culote e tunica, com umas bonitas esporas douradas, e uma *badine* gentil na mão nervosa e inquieta... O seu sexo levou 200 annos a suspirar, nas grades dos conventos, e a fazer doces finos para os poetas glosadores de motes sentimentaes. 200 annos de sonhos, aspirações e devaneios! Agora, de subito, o seu sexo deitou fóra o romantismo (como quem se despoja de uma roupa velha) e enveredou, altivamente, pelo caminho dos homens; dos seus erros e dos seus peccados... Ninguem, mais do que eu, lastima essa desgraça — que mataria de desgosto os nossos avós si elles não tivessem tido o bom senso de morrer em tempo, mas desde que as senhoras resolveram mudar de vida e habitos, que o façam definitivamente, e coherentemente... Isso de fumar cigarros e dar chiliques, andar de *maillot* e ter mêdo ás ondas, é que não está certo nem é razoavel... Si as senhoras decretaram a masculinização intensiva do Sexo, então que tomem, de vez, as nossas calças, tratem de ganhar o seu dinheiro e entrem para o quartel, em igualdade de condições com os recrutas-homens e com os homens recrutas...

Nada de meias medidas — sobretudo agora que as senhoras vão deixando de usar meias, e perdem, ás vezes, o senso das medidas... O serviço militar é uma demonstração de civismo e de virilidade. Um soldado fraco é tão absurdo como uma dama de caridade valente. A guerra sempre foi o mais nobre dos sports, porque joga com o maior bem que ha na Terra — a Vida. Um heróe é um homem que ri da Morte como ri de uma anecdota bem contada... Ora, a Morte é, ainda — e o será por muito tempo, decerto — o accidente mais sério e definitivo da Vida. Um defunto é um sujeito absolutamente inutil para a maioria das funcções da existencia... Creio que só serve, mesmo, para metter medo ás creanças nervosas e ás mulheres... de outras épocas. Dahi o enorme apreço que a humanidade dá aos que não temem a Morte. A mulher só será, definitivamente, dona do Mundo no dia em que se habituar a comer figados de homens como quem come torradas, ás cinco horas, numa casa de chá... No dia em que Eva manejar o fuzil Mauser tão bem como outrora manejava o leque — nós, ultimos homens da Especie, teremos perdido a autoridade, no mundo e... em casa. Por que é que a farda dos militares sempre exerceu um certo attractivo para o espirito das senhoras? Porque é o symbolo da força, do destemor e, até certo ponto, do instincto de matar... A Mulher, que é a fonte da vida, tem, muitas vezes, appetites morbidos de destruição... Dalila, Judith, Joanna d'Arc — são mulheres que liquidaram povos, liquidando os seus chefes. A Mulher não mata com maior frequencia porque prefere torturar a victima com o supplicio chinez do ciume, e a ameaça permanente da traição... Mas, no dia em que souber manejar uma Parabellum, Eva se tornará definitivamente feróz — e já não haverá lugar para calças de homens no guarda-roupa symbolico da Civilização...

Na minha qualidade de ultimo dos romanticos, eu chorarei, dia e noite, essa Mulher frágil e carinhosa, que os meus netos decerto já não haverão de conhecer... Deixe lá que não é muito agradavel, para um homem franzino, abraçar uma dama fardada, cujo sabre, provavelmente, lhe baterá ás pernas, numa ameaça metalica de sangue e de d e s t r u i ç ã o. Não sei, mesmo, como se poderá ter, nos braços, uma creatura de botas e esporas, cheirando a polvora e a guerra... Tenho a impressão de que o Amôr — a ultima e mais delicada flor do Romantismo—murchará, para sempre, neste Mundo hostil, cheio de quarteis, ameaçadores, de mulheres valentes e de homens assustadiços...

Mas a verdade é que, se v. ex. deseja ser homem, nada mais pratico do que fazer o serviço militar nas casernas — como o preceitúa o meu illustre chefe, o sr. general Góes Monteiro. Como romantico, chorarei, dia e noite, á porta dos quarteis, mais uma illusão perdida, mas como soldado gostarei de marchar, por uma manhã fria, de junho, ao lado de certas declamadoras que conheço, ouvindo-as recitar Albert Samain por entre as vozes breves da corneta e as imposições rudes do tambor...

Albert Samain estará, decerto, vingado ,e a Patria terá ganho uma gentil praça de *pret* em troca de uma funestissima realejadora de rimas... Entre a mulher-soldado, que fuma cachimbo e a mulher-poetisa, que diz banalidades, prefiro o cachimbo — com toda a sua detestavel fumaça...

Beija-lhe as mãos, senhora, perfilado e em fórma, o muito seu deveras admirador."

É MEIA NOITE...

Eu invejo todos aquelles que ainda vivem como nasceram:
candidos e ingenuos,
com o mesmo espirito virgem;
com a mesma intelligencia dormente e quieta,
sem movimento, sem profundidade, sem altura;
com os mesmos sentidos,
com a mesma alma,
com o mesmo coração.

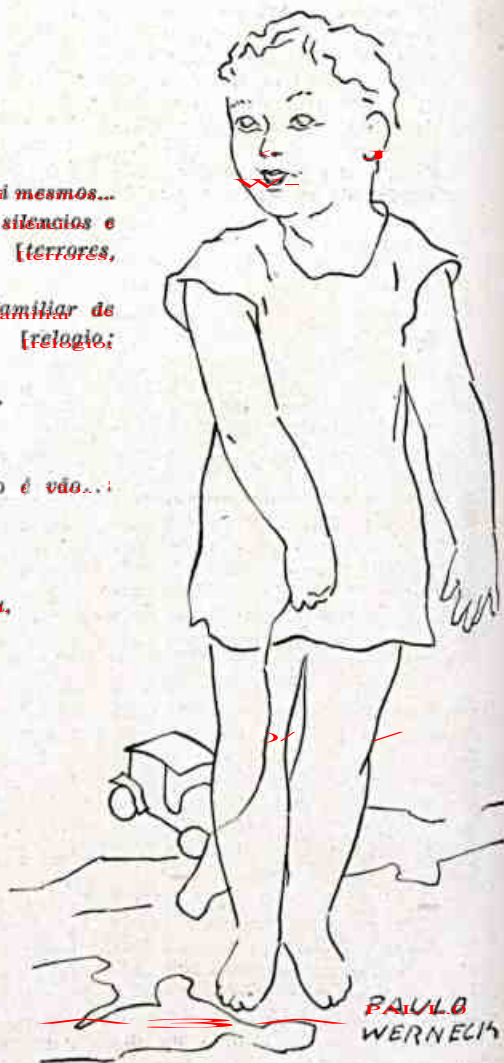
Eu invejo todos aquelles que sempre têm de tudo uma idéa só;
que não aprenderam nada; que não viajaram outros espiritos;
que não soffreram a curiosidade lancinante das alturas e dos abysmos;
que não se envenenaram de pensamentos trágicos e eternos,
nem suspeitaram um só dos tremendos caminhos
por que passaram a alma humana e o pensamento humano...

Eu invejo todos aquelles que se conservaram crianças,
e trazem no coração e na cabeça a mesma simplicidade distrahida
do coração e da cabeça de um passarinho;
que não tiveram, nem terão jamais outros olhos,
sinão estes olhos precarissimos da cara, para vêr as coisas,
e nem siquér sonharam que ha, talvez, uma alma nas coisas,
e que é ella que dá um ar tragicamente humano
ás estradas sinuosas, que não sabem nunca aonde vão parar,
ás fontes, ás arvores, ao luar, ás estrellas e aos crepusculos...

Eu invejo todos aquelles que vivem numa perpetua ignorancia de si mesmos...
que nunca entraram dentro de si, num mergulho de trevas, de silencios e [terrores,
como quem chegasse, surprehendido, a uma terra estranha...
que nunca perceberam que ha uma esphynge em cada tic-tac familiar de [relogio;
que nunca entreviram que ha um Destino em tudo,
nem tentaram (em vão!) dar outra fórma de ser ao seu destino,
mais harmoniosa, mais pura e mais christã...
que nunca se feriram na Duvida,
que, si dizem hoje que nada é inutil, dizem amanhã que tudo é vão...;
que nunca meditaram no que existe agora,
nem presentiram que alguma coisa pode vir depois...

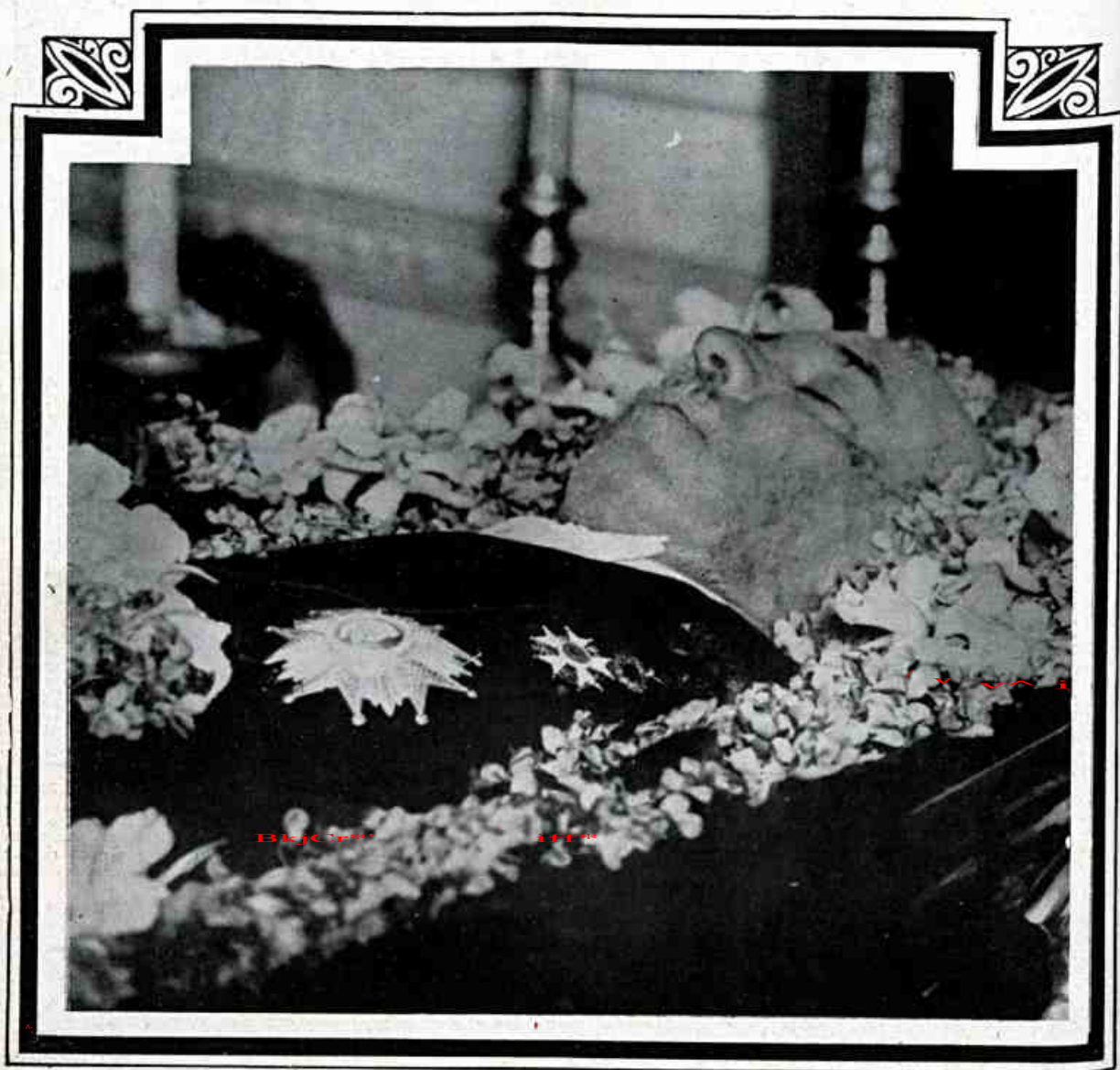
Eu invejo todos aquelles que nunca tiveram um pensamento seu,
e acham tudo nesta Vida simples e claro como agua que corre,
e nunca duvidaram... nunca duvidaram,
vivendo apenas physicamente, espontaneos e inconscientes,
sem sentir a contradicção perturbadora de todas as Idéas...

Eu tenho inveja, uma vasta inveja dolorosa
de todos os analphabetos desta Vida,
de todos aquelles que vivem correntios, simples e innocentes
como as aguas, os passaros e as flores...

Eu tenho inveja, uma vasta inveja dolorosa
de quantos ainda vivem como nasceram...

ABGAR RENAULT

Em cima: grupo tomado no Jockey Club, antes do almoço que os amigos do dr. Eugenio Gracie de Catta Preta, ex-director da Imprensa Nacional, lhe offereceram por motivo do archivamento do inquerito instaurado contra s. s. sobre seus actos á frente daquelle departamento publico. Foi orador da reunião de cordialidade o dr. Gustavo Barroso, que saudou o homenageado em nome dos manifestantes. Em baixo: os engenheiros que tomaram parte no almoço de cordialidade promovido pela Associação dos Antigos Alumnos da Escola Polytechnica para reunir velhos e novos collegas numa festa de Natal que será, de agora em deante, annualmente celebrada.

Photographia tomada na 27.ª Enfermaria da Santa Casa de Misericordia, durante a manifestação que ali foi feita, no ultimo sabbado, ao professor Lincoln de Araujo.

SANTOS DUMONT

Santos Dumont em seu leito de morte.

TODO o Brasil, profundamente commovido, curva-se, reverente, para prestar a Santos Dumont as ultimas homenagens do seu respeito e veneração.

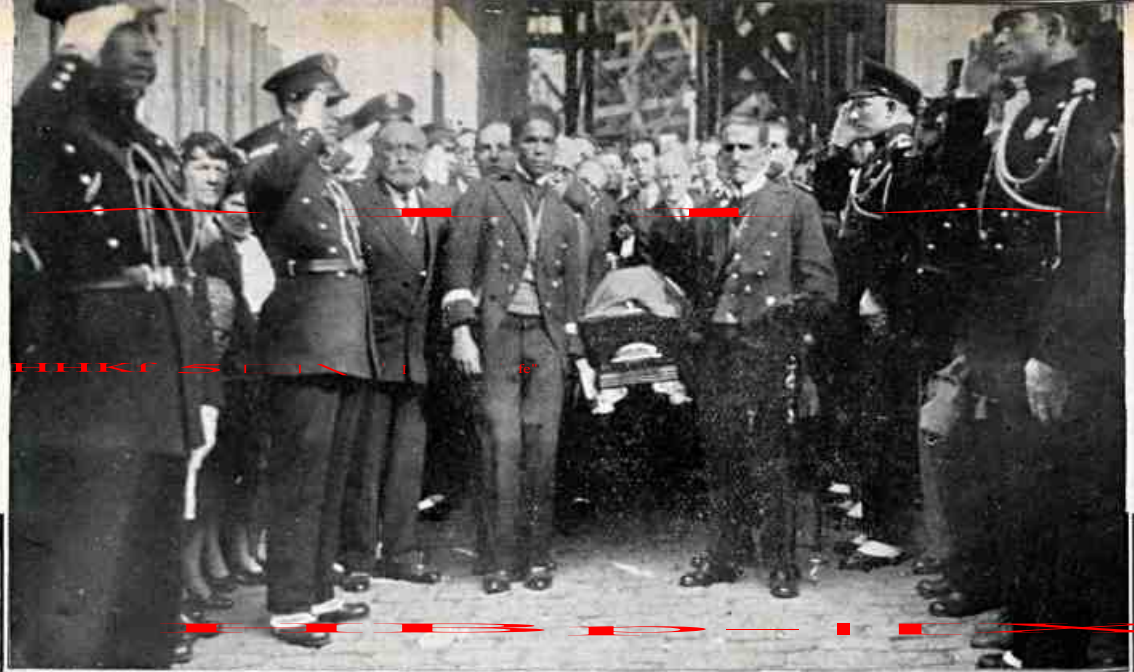
Ante os despojos mortaes do grande patricio que a gloria, ainda em vida, immortalizou, a alma nacional prosterna-se na contricção das bençãos que dos altares da Patria descem sobre elle, através das preces votivas de todos os brasileiros.

Baixando á paz do tumulo, ao sagrado refugio do eterno repouso e do eterno silencio, Santos Dumont se eternizará, tambem, na memoria e na recordação dos vivos, como um symbolo de gloria a palpitar nas azas de todos os aviões do mundo.

A trasladação dos restos mortaes do "Pae da Aviação", de S. Paulo para esta capital, precedida de todas as honras que lhe eram devidas e completada com a inhumação do seu corpo no mausoléo que elle, em vida, mandára erguer no cemiterio de S. João Baptista, foi uma verdadeira apotheose, como acto de glorificação e como expressão de civismo e de veneração.

O Brasil todo se prosternou para reverenciar, naquelle corpo inerte, tocado pelo beijo da Morte, a vertigem mesma da Vida a trepidar nos remigios altaneiros das Azas que elle legou ao homem, ao mundo, á civilização.

Gloria e Paz ao grande e nobre espirito daquelle que, em vida, se chamou Alberto de Santos Dumont — o "Pae da Aviação"!

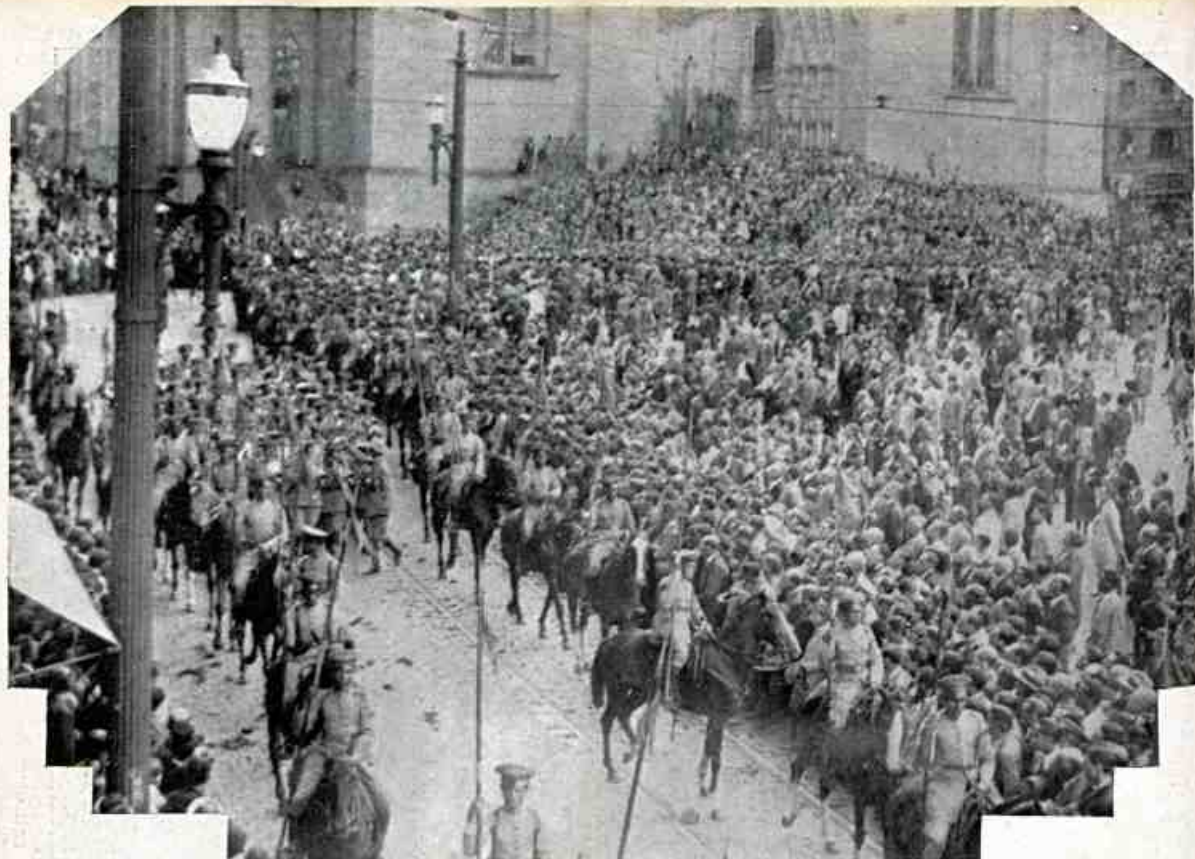
O corpo de Santos-Dumont, que se achava guardado na crypta da cathedral de São Paulo, para onde havia sido conduzido logo após o fallecimento do genial inventor, foi retirado dali na tarde do ultimo sabbado, quando se deu a trasladação para a estação do Norte. Antes de deixarem aquelle templo paulista os despojos gloriosos, varias homenagens se tributaram ainda á memória do grande brasileiro, estando no momento presentes altas autoridades civis e militares, estaduaes e federaes, que assistiram á cerimonia da retirada do corpo da crypta para a carreta que o devia levar até a estação. São flagrantes tomados no interior e á frente do templo o que focalizam as photographias desta pagina.

A urna que encerrava o corpo do «Pae da Aviação» ao ser conduzida para a estação do Norte, e membros da familia de Santos Dumont á porta da cathedral de São Paulo, na tarde do ultimo sabbado.

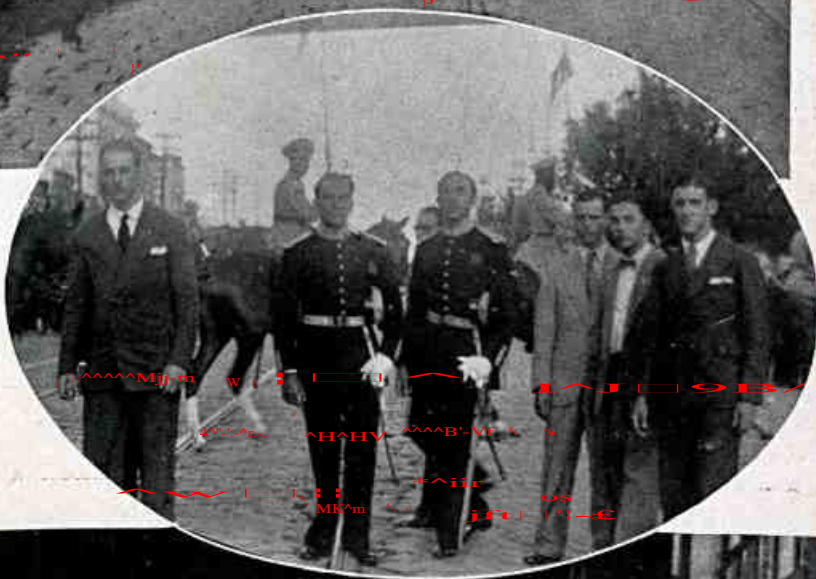
«CONFERENCIA»

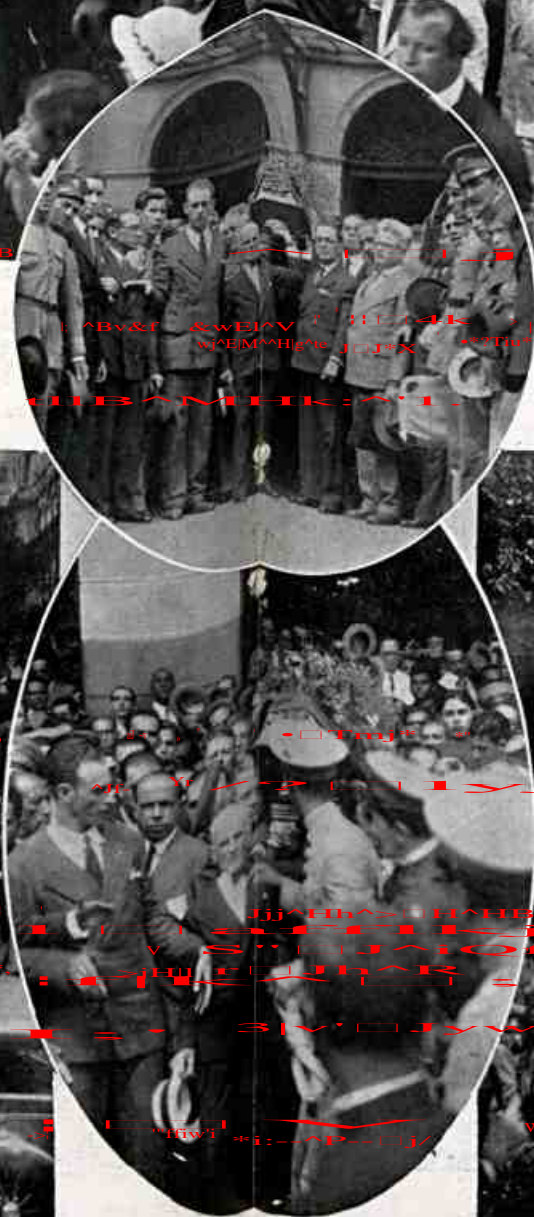
Sob a competente direcção do illustre clinico e escriptor patricio, dr. Augusto Linhares, nome de relevo e accentuada projecção nos nossos circulos culturaes, acaba de circular o numero de estréa de Conferencia, magnifica revista mensal de sciencias, letras e artes.

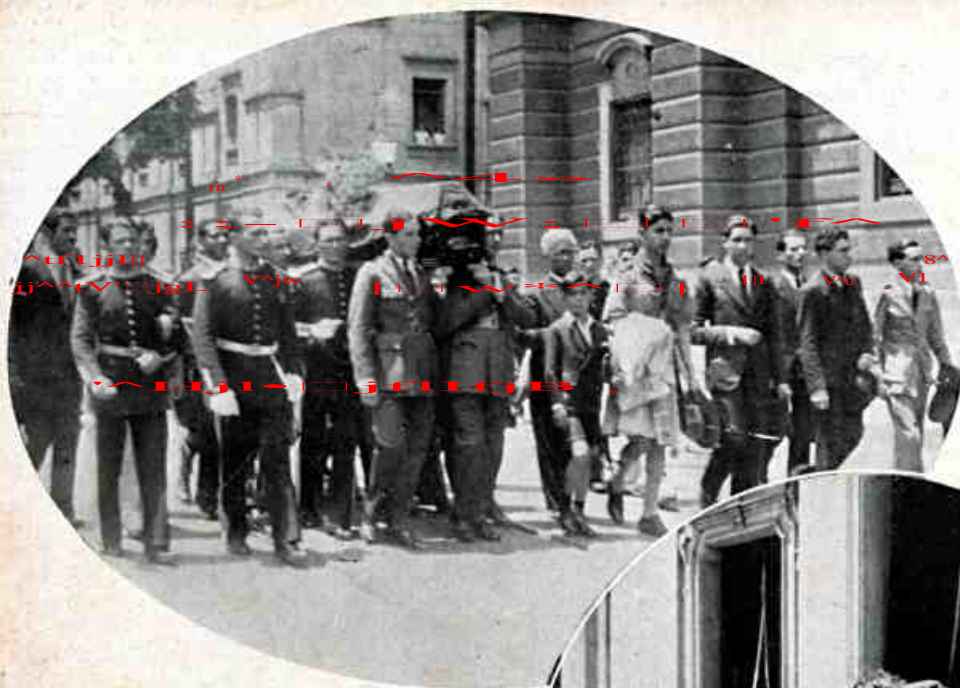
E' uma publicação modelo, unica no genero existente nesta capital, e que surge sob os melhores auspicios, recommendando-se tanto pelos meritos do seu digno e culto director como pelo valimento e prestigio do brilhante corpo de collaboradores com que se apresenta, em que figuram nomes como os de Humberto de Campos, Berilo Neves e outros.

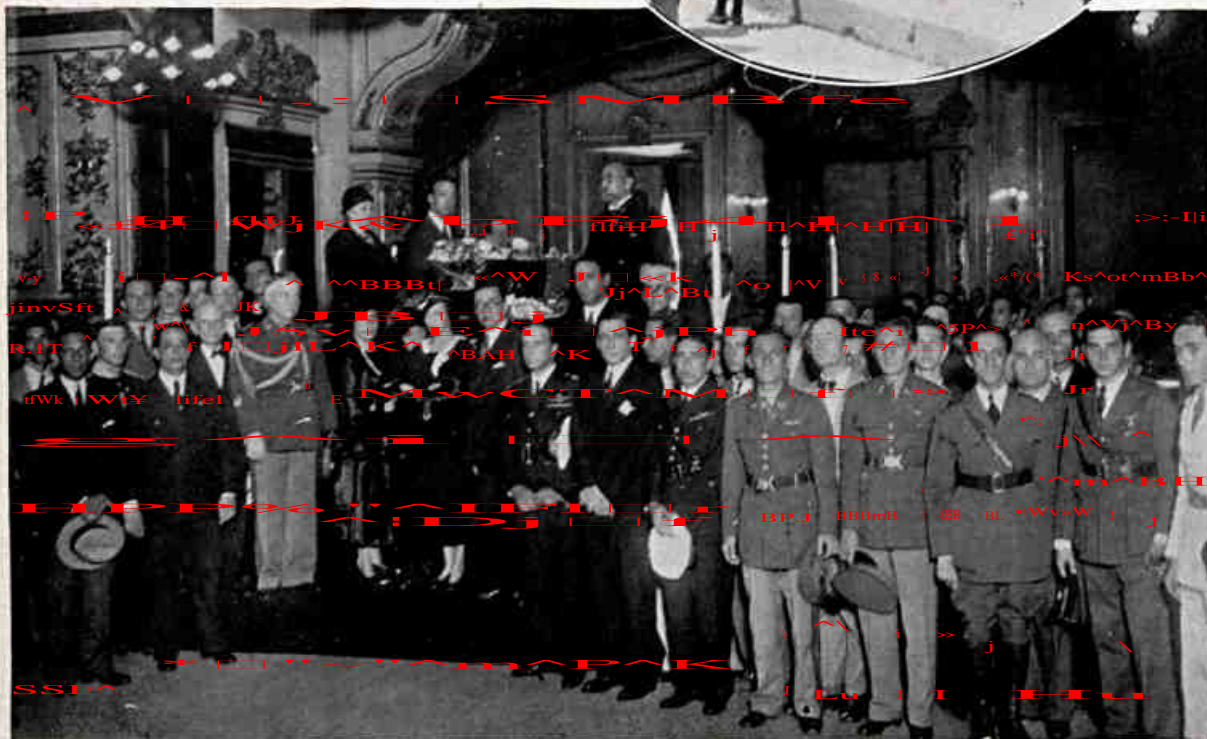
Bem impressa, com uma feição graphica moderna e attrahente, além de caprichosamente illustrada, Conferencia é uma publicação destinada ao maior exito.

Parte da multidão que acompanhou os despojos mortaes de Santos Dumont da cathedral de São Paulo á estação do Norte, quando o grande cortejo começava a se movimentar no largo da Sé, naquella capital, mais ou menos ás cinco horas da tarde de sabbado ultimo.

Mais dois aspectos do largo da Sá, em São Paulo, no momento em que o ataúde de Santos Dumont deixava a cathedral paulista em demanda da estação do Norte. A multidão que ahi se comprimia era calculada em cerca de trinta mil pessôas. Foram, como se vê, imponentes as homenagens populares de São Paulo á memória do eminente patrício.

A passagem do cortejo fúnebre pelo Braz, onde uma companhia de guerra prestou honras militares ao glorioso inventor, e a chegada á estação do Norte, que se encheu de representantes de todas as classes, numa derradeira e tocante homenagem de São Paulo á memoria de Santos Dumont.

OS DESPOJOS MORTAES DE SANTOS DUMONT NA TERRA CARIOCA

O povo carioca recebeu nos seus braços commovidos, na manhã de domingo ultimo, o corpo do nosso glorioso e inolvidavel patricio Santos Dumont, cuja trasladação foi feita de S. Paulo para esta capital. As homenagens que foram prestadas ao insigne brasileiro constituíram uma verdadeira apotheose, sem precedentes na historia da cidade, e á qual se associaram todas as classes sociaes. Desembarcada na estação Pedro II, a urna funeraria onde repousam os restos mortaes de Santos Dumont foi conduzida para a Cathedral Metropolitana, desfilando o cortejo pela rua Marechal Floriano Peixoto, avenida Rio Branco e rua Sete de Setembro. A nossa pagina fixa os principaes flagrantes do desembarque do corpo e do cortejo, no momento em que a multidão compacta se movimentava naquellas vias publicas.

"FOX-FON" E SANTOS DUMONT

A nossa ampla reportagem photographica das ultimas homenagens a Santos Dumont continuará na proxima edição de FON-FON, que será dedicada á memoria gloriosa do grande brasileiro.

O cortejo conduzindo a urna com o corpo de Santos Dumont chegou á Cathedral Metropolitana pouco depois das onze horas da manhã de domingo. A praça 15 de Novembro estava repleta de povo, havendo um cordão de isolamento policial á frente daquelle templo. Levada para o interior da Cathedral, foi a urna collocada na eça que se erguia no meio da nave central, onde ficou o corpo exposto á visitação publica até quarta-feira pela manhã. Focaliza o nosso «clichê» tres aspectos da chegada dos despojos do «Pae da Aviação» á Cathedral Metropolitana.

MÃE

Para dizer quem foi a minha mãe, não acho
uma palavra propria, um pensamento bom.
Diógenes—busco-o em vão; falta-me a luz de um facho,
—si acho som, falta a luz; si acho luz, falta o som!

Teu nome — ó minha mãe — tem o sabor de um cacho
de uvas diaphanas, côr de ouro e perola, com
polpa de beijos de anjo... Ouvil-o é ouvir um riacho
merencorio, a rezar, no seu eterno tom...

Minha mãe! minha mãe! eu não fui qual devêra!
morreste: e não bebi em teus labios de cêra
a doçura que as mães, inda mortas, contêm...

Ao pé de nossas mães — todos nós somos crentes...
um filho que tem mãe — tem todos os parentes...
— E eu não tenho por mim, ó minha mãe, ninguem!

Das "Apotheoses" — 1906.

No dia 26 de dezembro de 1930, extinguia-se a vida de uma das mais puras vozes da poesia de seu tempo. Dois annos são passados sobre o infausto acontecimento e cada vez mais se afervora, em glorificação, o culto de Hermes Fontes.

Na verdade, elle foi um poeta extraordinário. Desde a estréa, com as *Apotheoses*, até a *Fonte da Matta*, o seu canto de cysne, Hermes Fontes revelou-se um augusto creador de bellezas, um artista sensacional.

Da poesia do mallogrado cantor brasileiro se pode dizer que desvendou novos mundos á sensibilidade. Sua arte tinha uma virtuosidade caracteristica; seus versos animavam-se de um raro esplendor romântico e de uma esquisita penetração philosophica. Hermes Fontes foi um verdadeiro precursor da poesia brasileira, pela nota original, que soube imprimir aos seus versos, surgindo em pleno dominio do parnasianismo, sem, entretanto, ser um puro parnasiano.

A historia literaria colloca-o em primeira plana entre os maiores poetas do Brasil, de todos os tempos. A sua glorificação está feita pela sua propria obra. Na passagem do segundo anniversario de sua morte, as homenagens prestadas á sua memoria reflectem esse julgamento do concurso literário do paiz. A Academia Brasileira de Letras, num grande gesto de sympathia e de apreço, abre-se ás 5 horas de segunda-feira, dia 26, para uma homenagem enternecedora ao poeta maravilhoso da *Lampada Velada*.

O escriptor Povina Cavalcanti, amigo intimo que foi de Hermes Fontes, farà uma conferência, devendo antes a Academia, pela voz do seu presidente, dr. Gustavo Barroso, que é uma gloria viva das letras nacionaes, dizer do apreço da Companhia pela memória do Poeta, celebrado naquella hora de tanta solennidade affectiva e intellectual.

Uma romaria de amigos e admiradores de Hermes Fontes irá ao seu tumulo levar flores, na manhã de 26.

O desenho ao lado foi feito pelo proprio Hermes-Fontes, logo após a publicação de "Apotheoses", em 1908. Devemos a sua reproducção, absolutamente inedita, á amizade de Povina Cavalcanti, que o houve das senhoras Coelho Lisbôa e Muniz e Barros, grandes servidôras da saudosa memória do consagrado poeta.

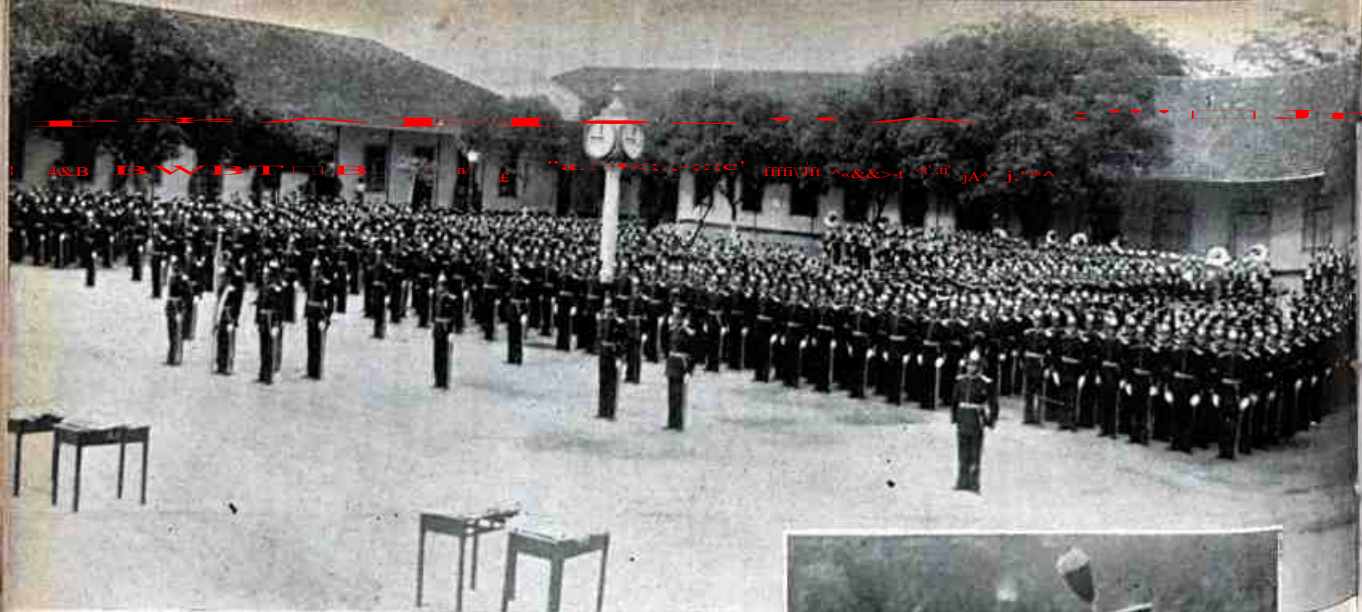
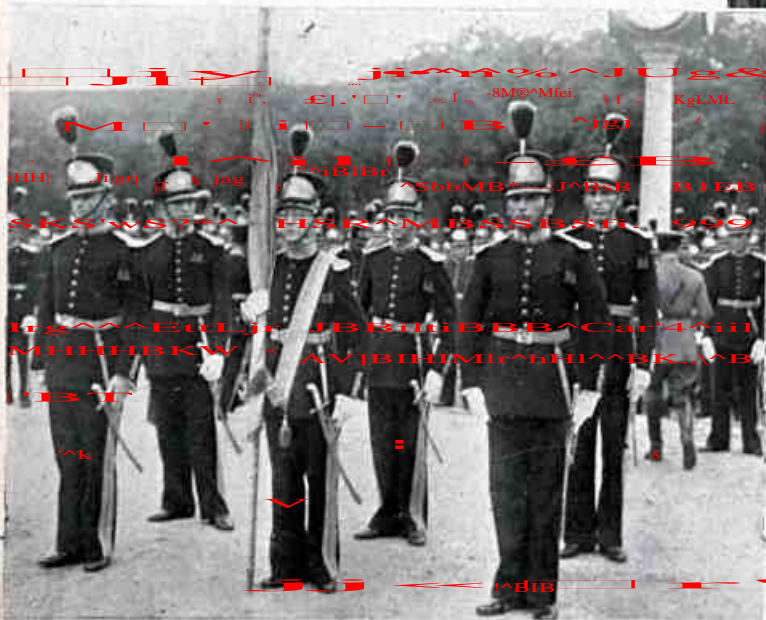
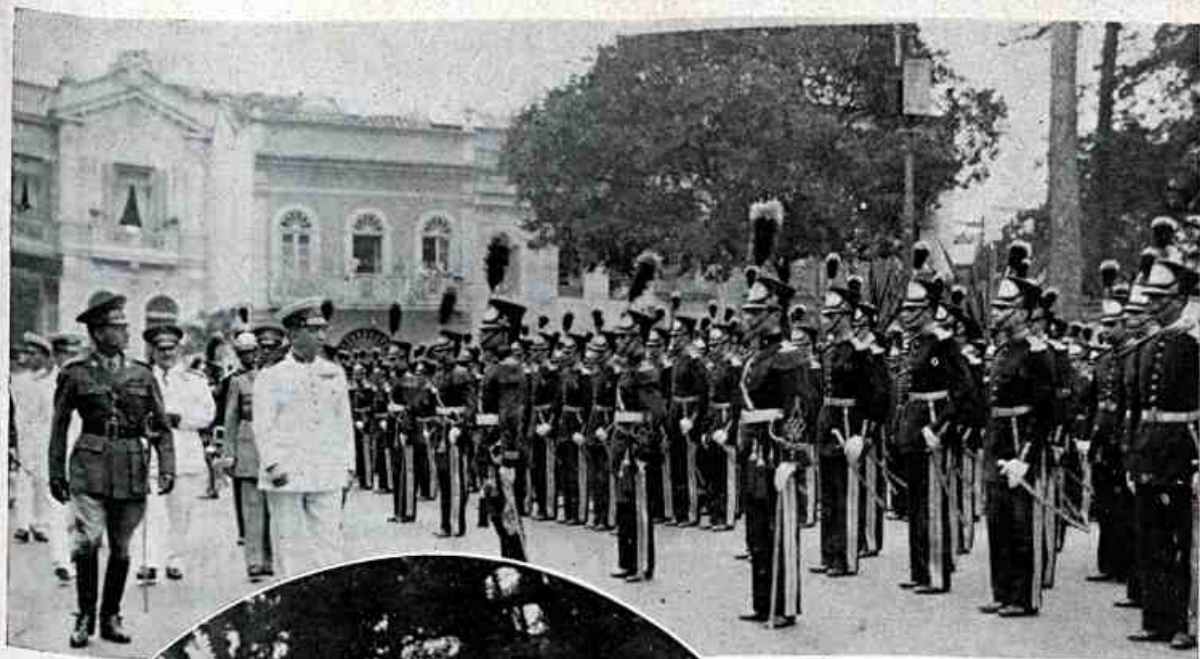
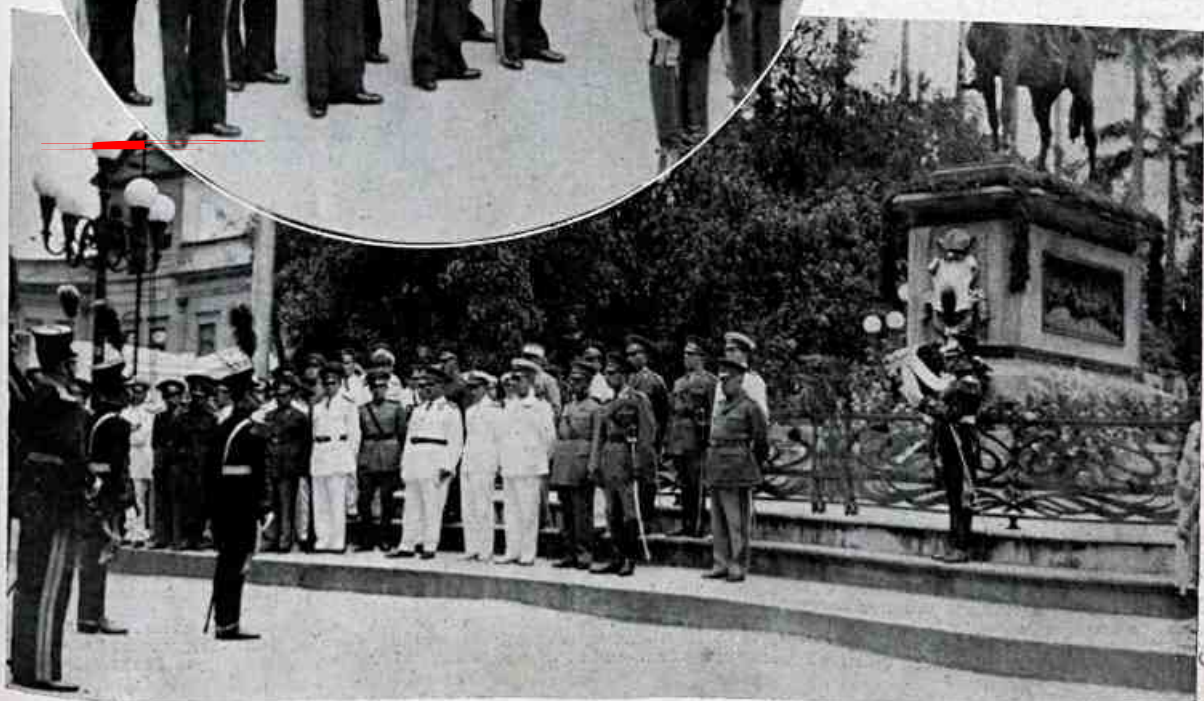
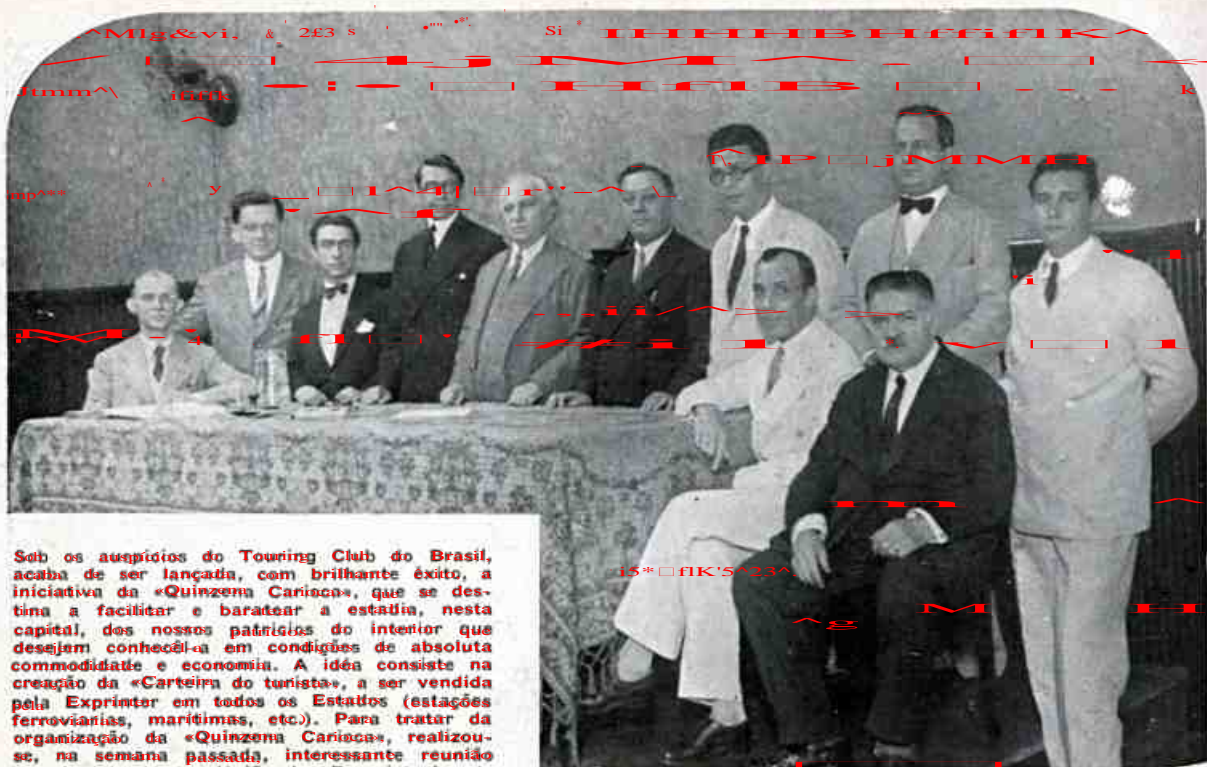
SYMBOLO

Si eu pudesse aspirar a um momento de gloria,
um divino momento
raro e eterno na vida transitoria,
não desejára o grande monumento
na praça, a estatua em fóco:
antes quizera o tosco, humilde bloco
lá no fundo da matta
— herma simples, marmorea,
uma fonte, herma-fonte... simples herma,
chorando, timorata,
pelos olhos da pedra, mortivivos,
lagrimas, refrigerios, lenitivos
a cada novo coração que enferma.
E quem visse a fonte-herma, e comprehendesse
o anonymato dos Anacreontes
Sem genio, mas com alma (é um symbolo, esse!)
talvez subentendesse
na herma-fonte — Hermes Fontes...

Da "Fonte da Matta" — 1930.

Triumphalmente, regressaram á nossa capital os «footballers» brasileiros que foram disputar, em Montevidéo, a taça «Rio Branco». Vencendo os uruguayos, pela terceira vez, os jogadores cariocas conquistaram mais uma bella victoria para o «football» brasileiro, que assim se engrandece e se enche de justas e merecidas glorias. A delegação sportiva brasileira, que viajou a bordo do «L'Atlantique», chegou ao Rio segunda-feira ultima, tendo sido recebida, no cáes do porto, por varias centenas de pessôas. Póde-se dizer mesmo que foi um dos acontecimentos notáveis e de grande brilhantismo que já se registaram nos annaes do sport brasileiro. São aspectos da chegada dos nossos «footballers» o que focaliza o «clichê» desta pagina.

Foi verdadeiramente brilhante a tradicional cerimonia da coroação e entrega de diplomas ás alumnas que terminaram o curso do Collegio de Sion, desta capital. A solennidade foi presidida por s. ex. revma. o sr. nuncio apostolico, d. Aloisi Masella, que, depois da distribuição da corôa symbolica, proferiu commovente oração, allusiv.. ao cerimonial. Achavam-se presentes todo o corpo docente e discente do estabelecimento e innumeras fami..as. As alumnas diplomadas são as seguintes: Maria Fausta Belford Roxo, Maria Augusta Campos, Carmen Ribeiro Cardoso, Julie Silva Araujo White, Carmen Maria Lage, Lia Ferraz Alves, Myrthes d'Avila Pereira, Marianna Andrade Lanari, Vera Maria Costa Pires, Maria de Muller Bueno, Lucy Lima da Rocha e Maria Thereza David de Sanson.

Alumnos do Grupo Escolar Pereira Passos que tomaram parte nos bailados organizados para a festa de encerramento das aulas, vendo-se as professoras Alayde Eyer, Maria Margarida Costa e Maria de Lourdes Pimenta. E' directora daquelle estabelecimento de ensino d. Marcia Lindenberg Rocha, figura de destaque no magisterio municipal.

Expressiva e brilhante foi a ceremonia da entrega dos espadins aos cadetes da Escola Militar, realizada, quinta-feira penultima, naquelle estabelecimento. A essa solennidade assistiram altas autoridades civis e militares e grande numero de familias. A distribuição das armas foi feita pelo coronel José Pessôa, commandante da Escola Militar. A nossa gravura focaliza os aspectos principaes da empolgante ceremonia militar.

Os novos cadetes

A expressiva cerimonia militar que se realizou sexta-feira penultima, pela manhã, junto á estatua de Duque de Caxias, no largo do Machado, foi continuação da que se effectuou na vespera, na Escola Militar do Realengo. Ali, os novos cadetes prestaram, deante do monumento do marechal Luiz Alves de Lima e Silva e perante seus chefes e altas autoridades, o solemne compromisso de honrar o sabre symbolico do grande cabo de guerra que é o patrono do soldado brasileiro. Após a solennidade, de que esta pagina offerece alguns detalhes photographicos, os jovens militares desfilaram em continencia á estatua de Caxias e ás autoridades presentes, realizando, em seguida, um passeio pela cidade.

Sob os auspicios do Touring Club do Brasil, acaba de ser lançada, com brilhante êxito, a iniciativa da «Quinzena Carioca», que se destina a facilitar e baratear a estadia, nesta capital, dos nossos patricios do interior que desejem conhecêl-a em condições de absoluta commodidade e economia. A idéa consiste na creação da «Carteira do turista», a ser vendida pela Exprinter em todos os Estados (estações ferroviárias, marítimas, etc.). Para tratar da organização da «Quinzena Carioca», realizou-se, na semana passada, interessante reunião na séde do Centro União dos Proprietarios de Hoteis e Classes Annexas, com a presença dos srs. F. Cabral Peixoto, presidente; Hercules da Silva Ribas, Luis Alves Rolim, João Baptista Assinger, José Muhlhöfer, Raymundo Ferraira Xavier e F. Lampreia. O Touring Club do Brasil foi representado, nessa reunião, pelos seus directores drs. P. B. de Cerqueira Lima e Berilo Neves.

DA ALEGRIA

A alegria nem sempre vem só; acompanha-a, invariavelmente, a dôr. Mas, assim mesmo, ninguem se cansa de a procurar.

As physionomias satisfeitas, que, ás vezes, se nos apresentam, significam dois sacrificios: — o de enganar-nos e o esforço para conservar a serenidade. Talvez que os seus portadores nunca tivessem sentido a verdadeira alegria! Esta é a alegria convencional.

Ha quem provoque a alegria por meios sobrenaturaes; mas essa alegria não existe: — concorre, apenas, para o esquecimento momentaneo dos soffrimentos.

Estou em que não póde haver alegria completa, isenta de qualquer indicio de tristeza ou de desconfiança no futuro.

Alexandre Passos

A senhorita Zilah Tavora, que pertence a distincta familia desta capital, acaba de conquistar o diploma de pianista pelo Instituto Nacional de Musica e tem sido, por esse motivo, muito cumprimentada. Naquelle estabelecimento, a joven artista do teclado fez um curso brilhante, obtendo notas distinctas em todos os exames. O «clichê» acima focaliza um grupo em que apparece a senhorita Zilah Tavora ladeada por sua progenitora, a exma. viuva desembargador Elysiario Tavora, e pelo dr. Manoel Ribas, interventor federal no Paraná, seu paranympho, e acompanhada de seus irmãos, entre os quaes se vêem os drs. Jayme e Aluizio Tavora, e outras pessôas amigas.

Poema de natal.

Na hora da matinê
a alegria principia
a fazer cocegas no pessoal.
Os bichos são camaradas,
dançam tangos, jazesbandes.
O circo assim é igualzinho
ao paraiso terreal.
Adão e Eva abraçados
se balançam num trapezio,
uma serpente ensinada
toca um trombone de vara.
Os ventriloquos fazem as burras
de Balaão solfejar.
Violoncellos duma corda
gemem coisas adoraveis.
Os pés são todos levissimos
polvilhados de alvaiade.
Parece que ha cocaina
espalhada pelo ar.
O chão do circo tão fôfo
cheira a chão de cannavial.
O tecto do circo é igual
á sombrinha de creança.
Ha estrellas desenhadas
nas roupas brancas dos claunes.
Ha nos hombros dum gymnasta
seis muchachas penduradas.
Agora chegam illusionistas
mais as malas mysteriosas.
Doutor Richard vae mudar
vinho em agua, agua em vinho.
E nesse pé reapparece
O milagre de Caná.
Tudo no circo desmente
as velhas leis consagradas,
inclusive a gravidade.
Tudo ri, tudo é humano:
as bicycletas têm ares
de animaes da creação.
Surgem magos, dromedarios...
Vê-se Vesper através
dum rombo do panno, em cima.
Escutem: ha na platéa
uma moçoila de tranças
com seu menino nos braços.

Paz na terra
aos homens
de bôa
vontade.

Jesus Você não está ahi
disfarçado de creança?

JORGE DE LIMA.

AQUELLE NUMERO...

Conto de RAUL DE AZEVEDO

ALTO, magro, esgrouviado, Antonio José — Antonio José das Torres e Silva — era bacharel em direito.

Quem o visse, diria logo que não teria menos de cincoenta annos de idade. Fizéra, entretanto, quarenta. Mas a verdade é que estava alquebrado, gasto. Vestido sempre de preto, num lucto eterno, os ossos envoltos num jaquetão comprido, o chapéo desabado, a gravata negra voando em laço de borboleta, apoiado numa bengala de castão de ouro, a barba grossa sempre por fazer, o olhar rispido, a testa franzida, os labios sem um sorriso, o homem tétrico passeava a sua tuberculose progressiva pela cidade, e aqui e alli, nos grupos conhecidos, nas tardes da avenida arterial da cidade, elle ia pontilhando as conversas rapidas com o seu decantado máo humor e o seu proverbial pessimismo.

Porque talvez do feitio moral, talvez da molestia quem sabia lá! — Antonio José falava mal de tudo e de todos. Elle não tinha alegrias nem ao ver o sol glorioso e forte, as mulheres bonitas com a carnação rija em flôr, nem as creanças lindas e risonhas, a gargalhar!

O misanthropo morava no fim de Ipanema, a conselhos medicos. Occupava uma sala simples, em pensão modesta. O ar do mar... Mas todas as manhãs descia para Copacabana. Habituára-se. A praia gloriosa e magnifica, pontuada de corpos esplendentes mordidos por uns maillots leves, quasi transparentes, azúes e encarnados, brancos e vermelhos, pretos e verdes, não lhe despertava senão phrases aggressivas e de odio. As mulheres passavam em sua frente, e não tinham para elle um só olhar, ao menos um sorriso ligeiro. Era indifferente para ellas, e o homem sinistro desprezava-as, a todas, achando tudo aquillo uma alta immoralidade, uma indecencia — no intimo ansiando por qualquer das formosas creaturas indistinctamente.

Via o mar, ora sereno e tranquillo como uma grande toalha extendida, ora forte e violento, em ondas avassaladoras, que vinham se quebrar mansas e macias, espumantes ao longo da praia branca e immensa. Sorvia o ar salino em grandes haustos. E tinha revoltas caladas, intensas e torturantes ao olhar em redor a vida triumphal, os homens ricos que nadavam largo, «sportmen», as senhoras e as moças bellas e sadias, todas ellas um sorriso de mocidade magnifica.

* * *

Esse Antonio José era só, inteiramente só no mundo. Nada de familia, mesmo de parentes longinquos. A tuberculose comêra-os, a todos. Outrora, moravam num casarão, muito antigo, em São Christovão.

Era uma especie de solar, que fôra sempre da familia dos Torres e Silva. Difficuldades de vida, crise, hypotheca... E alli, nas velhas salas, elle vira morrer pae, mãe, duas irmãs solteironas, e até sympathicas, e o mais novo delles, um rapaz de dezeseis annos, Oscar. E ficára o unico sobrevivente dos Torres e Silva.

O que assignalára a familia, além das hemoptyses continuas e banaes, era a mania de collecção! Porque aquella gente, conhecida e celebre na zona tradicional, colleccionava tudo. Verdadeira obsessão. Outra doença, a par da tysica. O pae, o senhor coronel Manuel das Torres e Silva, commandante da extincta 28.ª Brigada de Cavallaria da Guarda Nacional, homem de paz e socego, archivava caixas de phosphoros.

Tinha centenas e centenas, — uma de cada marca, nacionaes, portuguezas, francezas, inglezas, suecas, orientaes. Uma Babel! A filha mais velha, Hortencia, trinta e seis annos — colleccionava pennas, de todas as aves e de todas as côres. A mais nova, Josephina, nos seus vinte e oito annos bem contados, vivia perseguindo as borboletas. Sem ter tido vocação para ser borboleta na vida, contentava-se agora em apanhál-as e tinha exemplares **lindos**, brancos, azúes, negros, roseos, côr de ouro. E o rapaz, precisamente aquelle Oscar, menino-homem, nem tivéra tempo de se definir, de determinar a sua collecção. Andava indeciso a escolher pratos, vidros e objectos de barro.

E como elle não se resolvia a se fixar no genero, uma hemoptyse mais decisiva levou-o. A velha, a mãe de toda essa gente, a bôa e veneranda dona Gertrudes, colleccionava os phenomenos dos filhos tuberculosos e maníacos, e acabou não supportando mais aquelles cacarécos humanos e materiaes, e morreu.

* * *

Pois, esse senhor doutor Antonio José das Torres e Silva, quasi repentinamente, se viu só no mundo, sem parentes. E era facto realmente surprehendente, que se assignala, mais que não se acredita: não colleccionava nada! Nem cães nem gatos. Funccionario da Secretaria de um dos nossos Ministerios, primeiro official, Antonio José vivia somente dos vencimentos.

A maldita hypotheca fôra executada. E vegetava, — macambuzio, a tossir, entre redigir officios e olhar a praia, o mar e as mulheres, odiando a tudo, porque nem lhe dava saúde nem prazeres.

Ranzinza, vivia falando mal dos governos. Era um eterno opposicionista. Atravessára as administrações — desde que recebêra o titulo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, pois antes só cuidára de mastigar os estudos, — a falar mal delles. Pessimista. Opposicionista extremado de Epitacio, Bernardes, Washington, Getulio — «Este Paiz vae mal! O Brasil está perdido! Somem o dinheiro! O governo divorciado do povo!»

Tudo isso elle dizia dos quatriennios, b a i x i n h o, murmurando, nos grupos de conhecidos. Num quinzenario de suburbio, clandestino, «A Lanterna Vermelha», com o pseudonymo de Robespierre XI, vinha rabiscando nos ultimos annos um artiguete, pregando a revolução, a deposição, o fuzilamento daquelles quatro presidentes. Tudo em estylo abracadabrante.

Pois o senhor doutor Antonio José das Torres e Silva não colleccionava nada, mas tinha uma obsessão torturante: a mania do numero — 18.140! Só jogava na loteria, nesse numero. E explicava, adubando de razões o motivo: Elle sonhára, duas noites seguidas, que tinha tirado a sorte grande — a sorte grande que sáe somente para os outros... — no numero... 18.140. Pois, ao dia seguinte, sahindo de casa, ainda estava em São Christovão, vira parado, em frente, o automovel do seu vizinho, numero 18.140! Não teve mais duvida. A felicidade estava alli. E, dessa manhã em deante, Antonio José começou a percorrer as casas de loterias na perseguição do numero divino» que lhe traria riqueza, conforto, felicidade e —

(Conc. no fim da revista)

LONGE DE TI...

Longe de ti — sou como uma arvore [esquecida
Num deserto sem fim... Arvore que a [ninguem
Dá sombra... Arvore má pelo inverno [abatida,
Viuva eterna do Sól. Orphã eterna do [Bem!

Longe de ti — tenho a cabeça embran- [quecida
Pela neve da dôr, que de tudo me vem:
— Dos teus labios em flôr, que em vão [sonho, na vida,
— Do teu olhar gentil, que em vão procuro, além...

Longe de ti — o meu espirito anda cheio
De amarguras sem par. Sem o mais leve [enleio,
Sem a sombra siquer da mais leve il- [lusão...

Longe de ti — bemdigo, emtanto, a mi- [nha sorte,
Porque ainda posso, emfim, num lyrico [transporte,
Ter-te perto de mim... Dentro em meu [coração...

SOLFIERI DE ALBUQUERQUE

JANELLAS ILLUMINADAS

GILBERTO VEIGA

ESTAVAMOS, eu e a minha dilecta amiga Doralice, na «terrasse» de um «arranha-céu» magestoso. Era noite. E noite escura, o que fazia ainda mais realçar o tremeluzir das estrellas e, lá em baixo, nas ruas, alinhadas como soldados disciplinados numa parada de gala, as luzes dos combustores electricos e as janellas illuminadas como si fossem grandes olhos abertos para a amplidão.

Doralice, muito bisbilhoteira, muito curiosa, muito mulher, em summa, alongando o olhar pelo casario longinquo, perguntou-me num fio de voz, num pipio de ave:

— Não gostarias de conhecer os dramas sentimentaes, as tragédias e as comédias que vivem através de cada janella além?... Era uma coisa que muito me faria contente...

Fitei um instante a minha companheira, penalizei-me da sua ansia infantil de querer descobrir coisas que lhe fariam chorar, e respondi-lhe, piedosamente:

— És uma perfeita creança-grande. Si conseguisses saber o que se passa em cada lar ou em cada mansarda, as lagrimas seriam tão abundantes nos teus olhos, que matariam o riso que te arqueia os lábios, como o vento alevantando a vaga.... Através de toda luz que brilha, minha amiga, projecta-se uma sombra. Si buscasses saber o que cada luz daquella alumia, a tua tristeza nunca mais teria termo. Si conseguisses vêr, ali, uma mãe viuva rodeada de filhos pequeninos, esquálidos, rotos, e nas faces encovadas todos os estigmas da fome; si conseguisses lobrigar, num recanto immundo, uma creatura, um homem que fôra vigoroso, aberto em chagas e cheio de cabellos brancos; si visses num palacio repleto de Sévres e de estofos de velludo, onde as mesas são um festim diário e opulento, o capitalista, senhor absoluto daquellas maravilhas, maldizendo a vida e dando todo o seu cabedal, todo o seu immenso thesouro por um pouco de paz, um pouco de felicidade, então, estou certo, nunca mais desejarias conhecer os dramas da existencia alheia, transbordantes de lances trágicos, de dores quasi eternas. Olha para dentro de ti mesma e acharás o que procuras além daquellas luzes que, não raro, por um estranho paradoxo, são o velario illuminado de muita dôr, de muita angustia, de profundas desventuras... Todos nós temos, em nossa vida, um pouco da vida dos outros. Somos feitos, cara amiguinha, um á semelhança do outro. Os maus fados parecem perseguir mais este ou aquelle. No fundo, porém, na realidade quero dizer, somos todos iguaes. Somos feitos da mesma lama, e encerramos dentro do nosso proprio «eu» os instinctos de todos os animaes e um pouco de todas as dores, de todas as alegrias e de todos os prazeres do proximo.

— Mas, has de convir que a pobre psychologia humana e a observação dos costumes fracassariam ante a contemplação de campo tão vasto, quasi tão amplo como o infinito.

— E que te ficaria dessa contemplação? A lembrança de um baile sumptuoso, onde as damas decotadas andam a par com as casacas ornadas de candidas camelias?... A orgia de um «cabaret» onde o «champagne» èspouca e os «abdullas» fazem volutas graciosas no ar?... Não. Não te ficariam essas recordações doces. A dôr de uma mãe que perdeu o filho que a sustentava e ao pae paralytico; o chôro convulso e sentido de uma mulher que espera o marido de volta do jôgo, ou de orgias, ás quatro horas da manhã; a tortura e o desespero dos que não têm tecto nem pão, — todas essas recordações tristes matariam as melhores impressões que porventura trouxesses dessa viagem pisrscrutadora, através de palacios e mansardas...

«Desejarias conhecer a vida real dos entes que se escondem, que vivem ou vegetam dentro daquellas casas para nós mysteriosas como a noite dos tempos? Posso dar-te uma idéa vaga, pállida, do que é a existencia na sua multiformidade assombrosa. A's vezes, a que nos parece mais feliz e despreoccupada é, exactamente, a que mais dores, mais soffrimentos contem. E' como as casas. Muita vez a de melhor apparencia, de melhor aspecto, de fachada mais linda é a que rue primeiro. Questão de báse, de principios. Nas almas o alicerce deve ser o coração e o cerebro bem formados...

«Vês aquella torre furando a densidade da noite, lá nas proximidades do mar? Pois bem! Foi a residencia de um millionario. Hoje, não sei a quem pertence. Sei, todavia, que foi palco de uma grande tragédia, de uma grande desgraça. Não obstante a deusa fortuna entrar pela soleira illuminada, a desventura também entrou. E entrou num dia de festa, de gala. O millionario encontrára, no jardim prenhe de glycinias, de orchideas e de rosas, sua mulher aos beijos com um conviva. A festa terminou com o maior e mais sensacional escandalo social dos últimos tempos: o homem, desvairado, sentindo a honra atassalhada, sentindo pesar sobre a fronte a ignomínia, abateu o seductor, no mesmo jardim florido, a tiros de revolver. As rosas tremeram nas hastes, medrosas, e os colibris fugiram, assustados, dos ninhos. A mulher que peccára, levada, talvez, por uma onda momentanea de volupia, deixára, no mesmo instante, o tecto onde a felicidade ruiu com o ultimo acorde do piano em festa. Bateu a todas as portas. Todas as portas lhe foram fechadas. A sociedade é assim: admitte todos os erros desde que elles não se propaguem, não se tornem publicos. E a mulher, sem

(Conclúe na ultima pagina).

Um notavel instituto de ensino

COLLEGIO BAPTISTA

Entre os mais importantes institutos de ensino desta capital, o Collegio Baptista detém uma situação de accentuado relevo, realçada brilhantemente pelo prestigio das honrosissimas tradições que vêm, ha longos annos, edificando e enriquecendo o seu magnifico patrimonio moral e educativo. Dirige-o, actualmente, o notavel educador americano dr. H. H. Muirhead. Formado em Sciencias e Letras na Universidade de Baylor, nos Estados Unidos, doutor em D. D. (Divindades) pela mesma instituição e, em Theologia, pelo Seminario de Texas, o illustre professor desde muito moço se encontra no nosso paiz, tendo dirigido, em Recife, durante 23 annos, o Collegio Baptista, ali installado.

Sob a direcção de um technico, com longo tirocinio de ensino no Brasil, o Collegio Baptista desta capital vem correspondendo amplamente á sua elevada finalidade, maximé, agora, que se acha sob o regimen de inspecção preliminar, para effeito de sua futura equiparação.

Estampamos nesta pagina dois aspectos da magnifica situação em que está localizado esse notavel estabelecimento de ensino, vendo-se, no centro, a bellissima entrada da confortavel séde principal — «Judson Hall» — na aprazivel chacara Itacurussá, á rua José Hygino, 350, na Tijuca. Este edificio, de linhas architectonicas admiraveis, offerece accommodação para 650 alumnos. Funcciona ahi o departamento mixto, sob inspecção official.

No corpo docente desse departamento figuram nomes dos mais illustres e mais representativos da cultura e do alto magisterio nacional.

A photographia do alto é uma linda vista da chacara Itacurussá, destacando-se os dois edificios onde funccionam o dormitorio e o refeitorio. Por essa photographia póde-se obter uma idéa do local excellente onde se acha este Internato, ás encostas das montanhas da Tijuca. Tambem se vê um trecho dos campos de sports, que são muito bem cuidados neste Collegio. O Internato está sob a direcção do general dr. Julio Cesar de Noronha, nome de reconhecido prestigio no magisterio de nossa patria.

No edificio «Love», á rua Visconde de Cabo Frio, funccionam os cursos elementares, sob a competente direcção de d. Olga Baeta Neves Pinel.

Possue ainda o Collegio Baptista o Departamento Feminino, installado na esplendida Chacara das Jaqueiras, á rua Conde de Bomfim, 743, antigo solar do Visconde do Rio Branco, que ahi falleceu.

Dirigem-no dois educadores de merito, o dr. F. F. Soren e d. Jane Soren, nomes radicados na estima e na consideração da nossa sociedade.

Essa secção comprehende os cursos elementar e secundario, sendo divididas em duas categorias as alumnas deste ultimo: as que seguem o curso official e as que se matriculam no curso normal.

As matriculas para o Departamento Mixto e para o Departamento Feminino no Collegio Baptista estão abertas até o dia 15 de março vindouro.

As aulas dos Cursos Elementares, no Edificio Love, terão inicio em principio de março.

FON-FON no cinema

Brigando sempre.

HOMEM DE PESO

(Lady and Gent) — Da Paramount

Com George Bancroft, Wynne Gibson e Charles Starrett

ERA a noite da grande luta de box entre Slag Bailey e Gregory, possante competidor no titulo de campeão. Momentos antes da luta, Bailey ainda estava no *cabaret* de Puff, sua amiga, a tomar uns *grogs*, contra os protestos della, que tanto se interessa pela victoria do lutador. Por fim, é o proprio Pin, manager de Slag, que consegue levar o homem para o ring, quando o rival já lá o esperava.

Meio embriagado, Slag é batido ao fim do terceiro "round" num encontro dos mais ordinarios que se viram no ring de Nova-York.

O peor, porém, é que Pin, tendo apostado em

Castigo que não machuca.

Slag não só o seu como o dinheiro que cabia ao lutador, ficou completamente arruinado com a derrota do amigo. Slag promette-lhe arranjar um certo dinheiro, de que Pin dizia precisar urgentemente, e para isso vae ao *cabaret* de Puff, que tem entranhado odio ao magricella do *manager*, tratar de um emprestimo. Explicado o motivo, tendo Slag informado á amiga que o empresario lhes negára dinheiro em adeantado por conta da proxima luta e que Pin está "com a corda ao pescoço", á falta de certa somma, a mulherzinha lhe retruca:

— Eu conheço essa historia de cór, mas não en-

A cousa está feia!

tôa, Slag! Nisso não caio eu! Pin está com a corda ao pescoço, eh? Pois morra... e eu prometto não pingar uma lagrima!

Pin, que se acha presente, levanta-se e sae para a rua, indignado.

Slag, ao ver sahir o amigo, quer seguil-o; Puff o detém:

— Senta-te ahi! Si pensas que te abandono porque perdeste, enganas-te! Para esse Pin nem um vintem — mas para ti, tudo que tenho! Quanto queres?

O lutador não chega a dizer quanto, porque nessa occasião entra no *cabaret* um grupo de contrabandistas de alcool, inimigos de Puff e de Slag, que vêm armar um escandalo na sala para estragar o negocio da mulher. Puff explica ao amigo o motivo dos homens e fecha-se o tempo... Uma luta tremenda desenrola-se alli, ás escuras, não ficando um movel inteiro e nem uma cabeça que não exija prompto soccorro medico.

Mais tarde, desempedidos das investigações policiaes, estão Slag e Puff em casa, quando um rapaz vem avisar ao lutador de que o amigo Pin, falhados todos os recursos para obter o dinheiro, tinha ido roubar o cofre de Cash, o emprezario de box. Slag, contra a opposição da mulher, corre para onde está o amigo, afim de o demover daquella loucura, mas, quando lá chega, tendo Pin sido descoberto pelo guarda do edificio, tenta fugir, sendo mortalmente ferido pelas balas que o outro lhe despejára ás escuras. Slag consegue amparar o amigo e leval-o para o seu camarim de treinação, no mesmo edificio, evitando assim que os

Queria-o como si fosse seu filho.

policiaes o descubram. Mas o amigo morre-lhe nos braços, victima de sua tragica aventura. Slag explica a morte como suicidio, causado pela grande perda que o rapaz tivéra com a sua derrota no "ring".

Aquelle telegramma, endereçado a Pin, causava suores frios a Slag e Puff, que lhe não comprehendiam o conteúdo. "S-S-S-S... Espero-te em Ironton amanhã", dizia o despacho, e assignava-o *Ted*. Puff, depois de dar muitas voltas, explicou que os *ésses* seriam abreviaturas de cifrões, isto é, de dinheiro, muito dinheiro que esse Ted tinha em Ironton, onde Pin era esperado, talvez para receber o seu quinhão da fortuna... Slag, sempre pesado de corpo e de idéas, concordou que isso seria, e estando Pin já sepultado, resolveu seguir a insinuação da mulher para lá irem ter.

Ao chegarem á casa assignalada, na cidade de Ironton, encontram-na fechada; Puff lembra-se de experimentar as chaves que Pin deixára, e assim a abrem, mas na casa não ha viv'alma. Que mysterioso telegramma seria aquelle? Mais tarde, tocam a campainha. Slag vae ver e encontra um menino, que logo explica ser Ted — filho de Pin — e que os famosos *ésses* eram apenas as marcas obtidas no exame...

— Meu pae não veiu?... Ah, o senhor é Mr. Bailey? Meu pae sempre me fala no senhor e na sua senhora, que são muito bons com elle...

Muito trabalho dá a Slag, sob as instigações de Puff, para dizer ao menino que o pae já não existe, noticia que prostra o pequeno, em pranto, quando o lutador, com muito rodeio, lh'a communica.

Puff não podia esquecer a vida nocturna de Nova-York, com o seu *cabaret* fervilhando de gente e as pequenas dançando e cantando... Elle proprio tinha suggerido aquella malfadada vinda para alli, para uma cidadezinha da provincia, e com o filho de Pin sem arrimo, sozinho, os dois se tinham vistos, forçados a ficar em Ironton, para fazer as vezes de pae e mãe do garoto.

Ted, muito activo e intelligente na escola, dava gosto a Slag, que por elle se sacrificava, embora a mulher estivesse sempre a berrar, que, um dia, quando menos esperassem, bateria a bota para Nova-York, pois não estava para ser sepultada em vida, naquelles confins, a trabalhar em casa como uma escrava.

Terminado o curso de lyceu do menino, Slag, ainda contra as observações da mulher, consegue mettêl-o na universidade — com o fito de que o rapaz, optimo jogador de *football*, se celebrizasse entre os estudantes e pudesse ganhar bastante para pagar os seus estudos e ainda fazer economias. E assim se dá.

Um dia, porém, estando Ted adeantado nos estudos e mais adeantado ainda como grande *footballer* da sua equipe, surge na cidade o mes-

(Con. na ultima pagina)

Um «boxeur» que apanha.

Tinha de cumprir o *juramento:* durante cinco annos nada de mulher.

NÃO MAIS AMOR

Producção da UFA — com LILIAN HARVEY e HARRY LIEDTKE

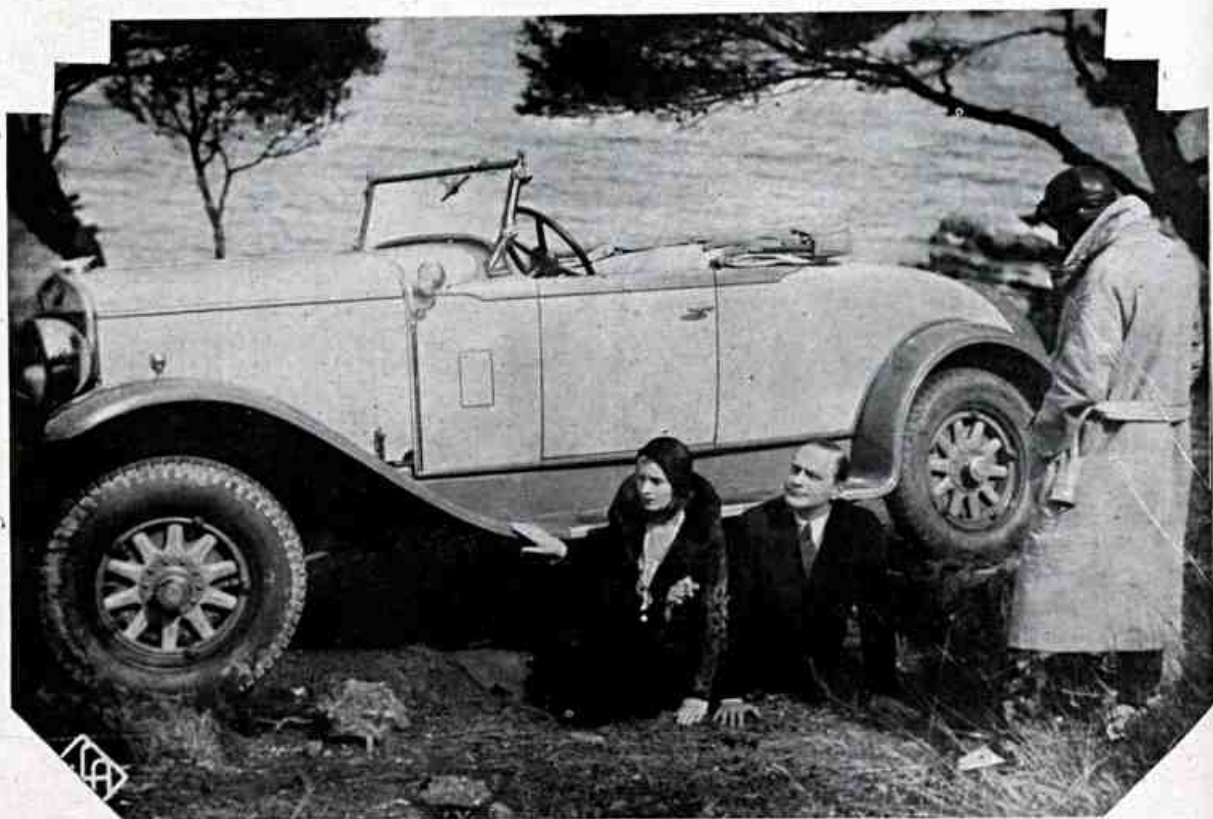
VICTIMA de uma pequena *chantage* por parte de uma das suas amantes — a ultima — Sandercroft jura que nunca mais se deixará cahir nas malhas de Cupido. Não é a primeira vez que elle faz esse juramento, mas a verdade é que quasi sempre, ante novos encantos, se esquece delle. Desta vez, porem, a coisa mudava. Estava plenamente disposto a manter esse juramento contra as mulheres — "Amor.... nunca mais!" — passou a ser o seu lemma. Mas era preciso não voltar atraz, como das outras vezes e, dahi, uma aposta com o seu amigo Jacques — 500 mil dollares — como, a partir de 22 de março de 1926, ás 5 e meia da tarde, e pelo tempo de cinco annos (5 annos!) elle não quereria saber de mulheres! Jean, seu *valet*, foi testemunha da aposta, e Jean tinha como ponto de honra que seu patrão a ganhasse.

Os homens para ella eram como aquella bola: para brincar.

Mas Jean conhecia bem o seu patrão e, como cinco annos custavam a passar, elle lembrou um meio de fazer com que se fugisse ás mulheres. Era metter o patrão em seu hiate, para um cruzeiro que deveria durar esses cinco annos. Mas para isso se tornava necessario que a equipagem estivesse de accordo, e dahi coube a Jean arranjar esses marujos e capitão, em cujo contracto rezava que cada um renunciaria ás mulheres por aquelle espaço de tempo.

Durante quatro annos o hiate cruzou os mares, sem que, nem a equipagem, nem o capitão tivessem visto uma só mulher, nem mesmo tendo posto o pé em terra. Mas

eis que os marinheiros começam a inquietar se. Em seus sonhos elles vêm aquellas que não podem realmente ver — ora louras, ou morenas, pretas ou mulatas — e começam a murmurar contra a austeridade voluntaria — e toda a equipagem se entrega a phantasias em que as mulheres têm o principal papel. Começam a murmurar contra o capitão, onde foi recolhido um corpo já quasi sem vida. Trazem-no para bordo E só no tombadilho é que descobrem a verdade: — Acabavam de salvar uma mulher, e, o que é mais, moça e bonita! Imaginem uma mulher, bonita e em trajes de banho, no meio de uma equipagem que não via, já ha tanto tempo, uma representante do bello sexo! Perigo á vista! dizendo que todo o mundo vae saber daquelle cruzeiro de "castidade", o que ella espalhará pelos jornaes. E isso faz com que Sanderoft mande descer outro escaler para que tragam novamente para bordo essa endiabrada, que é fechada em uma cabine. Mas Gladys foge e, semi-núa, vae ao tombadilho. E' realmente linda, e o proprio Sanderoft tem de se sua ameaça, Gladys desapparece! E com ella desapparecia tambem o dinheiro que Sanderoft tinha fechado em sua secretária.

O hiate chega a Nice, onde o Carnaval está no seu apogeu. Uma linda creatura desce no Negresco e Sanderoft logo a reconhece. Tudo se explica, então. O roubo tinha sido fingido pelo fiel Jean, que assim queria desem-

Não era feliz com as mulheres.

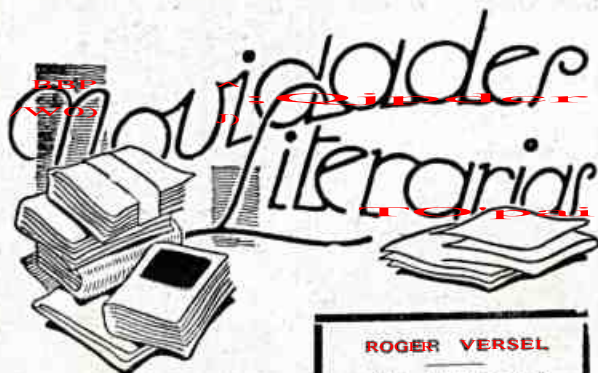
que os obrigára áquella abstenção. Já lhes chega, e elles querem voltar ás pequenas que deixaram, para suas esposas e noivas. O hiate acha-se perto de Douvres quando ha uma ameaça de sedicção. Os marinheiros se dirigem, com gestos desesperados, para o seu capitão, quando se ouve um grito. Alguem cahiu ao mar, e luta contra as vagas. Descem um barco,

Mas Sanderoft fica inexhoravel — e a pequena deverá voltar para terra, assim que se restabeleça. Os marinheiros não parecem querer executar a ordem, quando a moça, que parecia ter ouvido o que se dizia a bordo, se resolveu ella propria atirar-se á agua novamente. E, bôa nadadora, entra a ridicularizar o rapaz, Sanderoft,

render aos seus encantos.

Um barco da policia se approxima e quer saber si não viram uma perigosa aventureira que acabava de escapar da prisão e se atirára ao mar. Não póde deixar de ser Gladys, e Sanderoft, desilludido, está prompto a entregál-a á justiça, quando chegar ao primeiro porto. Antes, porém, que elle possa realizar a baraçar o seu amo daquella mulher. E foi elle tambem que a levou á terra. Sanderoft, ao saber disso, quer prender a bella em seus braços, mas eis que de novo ella foge em seu auto, perseguida agora pelo rapaz. E elle a alcança, no mesmo momento em que chega Jacques, já certo de que vae ganhar os 500.000 dollars Mas já cinco annos tinham passado...

AG. COLONIA
Brilhantina
e
Pó
de
Arroz
LORIEN

Novidades Literarias da Europa

OS SUCCESSOS DE PARIS. — A "SAISON D'HIVER" DO LIVRO FRANCEZ

(Cont. do numero anterior)

Lenine é a obra mais completa que já se publicou sobre a vida do famoso dictador vermelho. Ferdinand Ossendowski, seu autor, levou 2 annos para compol-a e conheceu de perto o deus do proletariado mundial. Um bello livro, uma bella *vie romancée*, onde nos é dado conhecer, em seus detalhes, a vida de Lenine, desde o collegio, onde elle roubava os condiscipulos no jogo, até a sua ascenção ao poder. Toda a revolução russa nos é contada nos seus detalhes mais horrorosos, dando-nos a impressão exacta de que toda a vida de Illich Lenine não foi outra coisa sinão uma rajada ignobil de sangue. Emfim um livro que merece o exito que vem tendo, pela sua sinceridade e pelas revelações que nos faz de um "communismo" até hoje desconhecido.

Contos para creanças (contados e desenhados por elles mesmos). Eis o livro que vem de obter 25.000 exemplares de venda em um só dia!

Producto de um concurso que deu que falar, lançado pelos editores Denöel Steele para o melhor conto feito por um menor de 13 annos, é um livro ingenuo, como todo o livro de infancia, mas com o enorme sabor das coisas contadas pelas creanças. O mais notavel desse livro é que, tendo elle sido escripto por uma menina de 12 annos, é de uma perfeição linguistica admiravel e sem um unico erro grammatical. Isso, aliás, constituiu um certo escandalo quando dito pelas columnas de um jornal, por um celebre critico parisiense. Comtudo, isso não impediu o enorme exito do livro para creanças, mesmo quando as más linguas proclamam que a venda foi devida ao Natal! Os mesmos editores lançaram tambem dois volumes de exito — *La Jeune Fille Au Masques*, de Janine May, um admiravel romance que a critica louva, chamando-o do novo *Adolpho*, cognome que acho exaggerado, não obstante ser o livro admiravelmente bem urdido e escripto, e *Voyage Au Bout De La Nuit*, de Louis Ferdinand Céline, um alentado romance de mais de 600 paginas, com um estylo preciso e forte, cheio de emoções. Estou propenso a crer que, de todos os livros da *saison*, esse é o que tem o caracter mais popular e novellesco.

Muitos outros livros foram lançados na presente temporada, mas os que cito são os de real successo. Esperêmos, agora, a serie de premios que estão proximos e que fazem o successo de muitos outras obras.

BRICIO DE ABREU

Souto
RIO
FERREIRA SOUTO S.A
SOUTO
A FAMA SÓ PERPETÚA
O QUE É BOM. A FAMA DO
CALÇADO "SOUTO"
PROVÉM DA SUA SUPERIORIDADE
FORMAS ANATOMICAS
FABRICO SCIENTIFICO
GARANTIA ABSOLUTA
A' venda nas casas de 1ª ordem

RETICENCIAS

Reticencia, dor amorosa
de três pontos... e mais nada...
— Três pontos sem nenhuma importancia que a gente
viu numa pagina engelhada,
inutilmente...

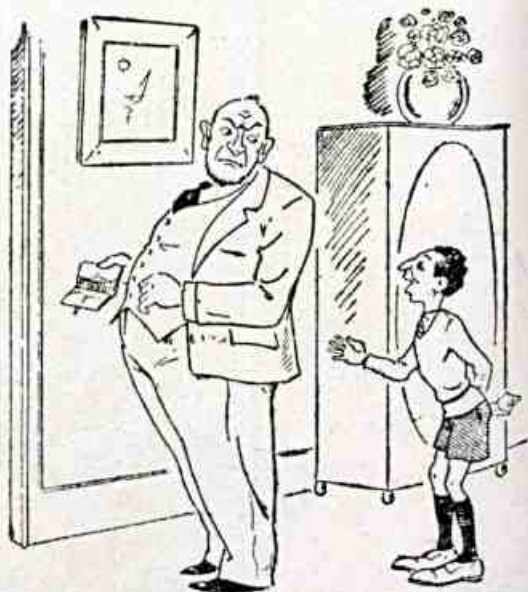
Brotas, ás vezes, de uma voz abafada
entre dois beijos que o luar occultou...
de um desejo qualquer... da paixão orgulhosa
que nasceu como a rosa,
e como a rosa, desfolhou...

Reticencia de um gesto
que de longe acenou, que me veiu de ti...
Sorriso occulto, olhar funesto
que eu decifrei e não mais esqueci...

E's, talvez,
o que póde haver de mais sincero
numa canção de amor e timidez...
Na resposta banal que se deu num jardim,
cheia de "não", de "que esperança", de "não quero",
oh! quantas vezes, Reticencia, dizes "sim"...

Reticencia...
Haverá quem não teve, uma tarde na vida,
vaga tristeza que passou despercebida
e quem, apesar da sua persistencia,
o coração não accusou?
Reticencia...
— distancia aberta, sem querer, entre nós dois,
deante de mim, de ti, minha Dona de Graça,
força é que a gente a vença, e diminua, e desfaça!
Reticencia infeliz, tu vens sempre ao depois
de uma lagrima... de um adeus... de uma lembrança
de alguem que foi e não voltou...

Vives na ansia impossivel que me invade,
nas palavras que ficam mudas e secretas
dentro da só cumplicidade
de um silencio... de um véo... de uma faiança...
E appareces em fausto multicôr,
— um destino a rolar — no destino dos poetas,
— uma interrogação — em nosso amor...

WALDO DE ABREU

O pequeno Abrahão (a seu tio, a quem acaba de desejar bôas-festas e do qual recebeu cinco mil réis, como todo anno...). — Diga-me, titio: quer que eu lhe deseje, ao mesmo tempo, bôas-festas pelo proximo anno?... Eu deixarei os dois por oito mil reis!...

un air embaumé
Perfume

ITALIA (3) — O estudo de sua letra está sacrificado. Muito sacrificado. Em graphologia não se adivinha: define-se, scientificamente. Mas é necessario para isso que o interessado forneça os elementos imprescindiveis ao graphologo.

Attendendo, porém, o pedido que me foi feito pelo meu companheiro direi apenas o pouco que pude observar, através dos dados a elle fornecidos.

Vejamos.

V. ex. é uma pessôa reservada, economica, orgulhosa e ciumenta. Um pouco docil, bondosa por vezes, não é nada activa. Ao contrario gosta do repouso e dos ambientes calmos. Bom prato, deve ter bôa saúde e ser muito brincalhona.

A sua vontade é fraca e as suas attitudes vacillantes.

E só, e é muito.

A. B. GUIMARÃES (Capital) — Olá, mais um poeta?

Decididamente esses cavalheiros de alma lyrica e rimas tortas não me deixam socegado. Vem agora o sr. Alipio...

Vejamos a sua missiva. Eil-a sem tirar nem pôr:

"Caro Yves.

"Je vous demande pardon."

* * *

Não quero que me chames de constante, como chuva de inverno, ou como desastre na "aviação". Mas quero um favorsinho, num cantinho de "Fon-Fon", para eu ficar bem contentinho pois quero ler "Contradição", com grande exaltação na revista tão querida.

Considero essas linhas, com o titulo acima, puras banalidades, porque tudo na vida não passa de purissimas banalidades começando pela "mulher" e terminando nas ondas bravias do oceano.

Vou dar um "stop" porque se escrever mais uma linha me tornarei importuno.

Grato, subscreve o leitor que muito inaltece e aprecia, suas obras literarias."

Agora, o soneto:

CONRTADIÇÃO

De amôr tu dizes muita cousa,
Mas nunca pude acreditar.
Acho impossivel, teu coração sem [couto...
Viver sofrendo, deste mal, que te [leva acriminar.

Mas a vida; hó! companheira de [infortunio!
Descortina para nós dois essa [tristeza...
Pois de amôr, sofre você, desse in-[forme.
E de amôr, sofro eu tambem, nes-[sa incerteza.

E para que ligar á vida, nessa [consumição
Pois se a vida, meu amôr, não liga [a gente.
Vamos os dois, fazer Contradição.
Vamos juntar o nosso amôr, eter-[mente...

Lida a carta e lido o soneto, não é preciso dizer mais nada.

Quero, apenas, que se veja que sou mesmo um homem predestinado para aturar os poetas de versos mancos.

(Cont. na pag. seguinte)

PLINIO MENDES (Capital) — O FON-FON de 23 de julho deste anno publicou um conto igual ao seu, intitulado "O homem que viveu pelo seu funeral", e assignado por João do Sul.

Confrontado com o "Quaresma" verificámos não haver nenhuma differença de um para o outro. João do Sul será acaso seu pseudonymo?

Quanto ao mais, sou-lhe grato pelas gentilezas que me tem prodigalizado, constantemente.

CY (S. Paulo) — Ha coisas que só acontecem a determinados individuos.

Exemplo: tratar com um poeta como o sr., é episodio que só occorre commigo. Não creio que haja dois Yves e dois Cys... Isto é, um Yves, como eu e um Cy como o sr...

Um Yves que dirige uma secção como "Saibam todos..." e um Cy que escreve uma carta e uns versos como o sr...

(Cont. na pag. seguinte)

...Alta novidade para embellezar o bello sexo...

Com a touca onduladora "FADA", que se vê na gravura acima, obtem-se a mais perfeita ondulação, em menos de 15 minutos. E' um apparelho maravilhoso, de applicação facil e commoda. Indispensavel no toucador da mulher "chic". Mediante a remessa de 20$ em Vale Postal ou Carta com Valor, man da-se esta touca para o interior. Pedidos a F. Schmitz, Rua Gen. Camara 113, sob, sala 4, Tel. 3-4075 Rio de Janeiro. Acceitam-se revendedores, tambem para outras novidades, mediante condições especiaes. Recorte e guarde este annuncio.

Vejamos o phenomeno:

"Yves, Tua critica atravéz de "Saibam todos..." é intelligente e tanto eu a aprecio que não posso deixar de submetter-me a ella, pelo simples prazer de poder merecel-a. Não sou poeta. O que acompanha esta com o titulo de "Para uma das estrellas que me illuminam", é apenas para que eu possa saber se poderá ser publicado nas singelas paginas de "Fon-Fon". Todavia se não o fôr, não me desagradarei comtigo. Desejo apenas a tua valiosa opinião a respeito. Me satisfaço com uma resposta laconica e de ante-mão muito te agradeço.

Teu sincero apreciador, Cy."

Vejamos o phenomeno.

Aqui vae o soneto:

"PARA UMA DAS ESTRELLAS QUE ME ILLUMINARAM"

Levanta os olhos par aver, Orsina,
A palidez que enxovalha o rosto
[meu!

Levanta para ver se descortina
Das maguas minhas o véo que me
[envolveu!

Levanta o teu olhar de luz divina
E fita piedosamente o escravo teu,
E por um instante apenas, illu
[mina
Est'alma que o teu desprezo ene-
[greceu!

E não te esqueças nunca mais que-
[rida
Da palidez mortal que me invade
As faces magras e desfiguradas!...

Ella é o fructo da saudade sentida
Dos aureos tempos que a felici-
[dade
Beijava as nossas almas namo-
[radas!...

Noroeste de S. Paulo — Cy."

YVES

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136
FON-FON — 24-12-932

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

CIA. MATA-CUPIM S. A.

A unica que tem o processo de efficacia para mais de 50 annos

---

Immuniza madeira de

PREDIOS,

PIANOS,

MOVEIS, ARMAÇÕES, etc.

Exames e Orçamentos sem compromissos para a parte

Rua S. José n. 13

Telephone 3 - 4763

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

"CONFIANÇA"

FUNDADA EM 1872

RUA DA ALFANDEGA, 49

Telephone 3 - 3965 — Escriptorio
» 3 - 3565 — Directoria

Capital integralizado .... Rs. 1.000:000$000
1.700 apólices da Divida Publica.
Deposito no Thesouro .... 200:000$000
Reservas 30/ 6/ 32 .... 590:255$130
Sinistros pagos até 30/ 6/32 .... 44.320:513$110
Dividendos distribuídos 30 / 6 / 32.. 3.883:000$000

DIRECTORES:

Coronel Carlos Leite Ribeiro;
Raymundo Pereira Salgado Guimarães;
José Pedreira do Coutto Ferraz.

CONSELHO FISCAL:

Effectivos:

Dr. Honorio de Araujo Maia;
Rodolpho Hess;
Dr. Leandro A. Ribeiro da Costa.

Supplentes:

Dr. José de Oliveira Bonança;
Vicente Vianna Gonçalves da Silva;
José Antonio da Silva Pinto.

PRESENTES DE NATAL

De Maria Celina Neyra de Sola

MODERNO "living-room" em casa dos esposos Senillosa. Moveis antigos, quadros assignados por artistas célebres, ricos tapetes, mármores e marfins. Varias cestas de flôres. A um canto, uma grande arvore de Natal, com guias de fitas e estrellas prateadas. Sobre uma mesa de Roulé, ramos e flôres dispersos.

Córa, a dona da casa uma formosa loira de olhos negros, vae e vem, distribuindo as flôres em jarros de crystal. Veste um pesado kimono de sêda vermelha bordado com estranhos pássaros e terriveis dragões. De entre as amplas mangas surgem as brancas e finas mãos, semelhantes a duas incansáveis mariposas.

Jorge, recostado em uma cadeira, simula estar mergulhado na leitura do jornal, mas, na realidade, segue, attentamente os movimentos de Córa, sua esposa.

São quatro horas da tarde do dia 24 de dezembro.

Córa. — Estas rosas são presente de Rodolpho Ismar.... Esta cesta de lilaz foi mandada pelos Gutierrez.... O director do diario "A Luz" revelou-se muito fino, mandando estes cravos.... Quem não se fez representar foi Julinho Rodrigues...

Jorge. — Não comprehendo... Elle é tão educado...

Córa. — E foi convidado para a nessa mesa tres vezes durante o anno...

Jorge. — E aquelle esplendido ramo de orchidéas?

Córa (*lendo o cartão*). — Luciano Frias.... Não sei quem é.

Jorge. — Não te lembras? E' aquelle rapaz a quem recommendei no ministerio.

Córa. — Um homem que, afinal, sabe ser agradecido...

Jorge. — Uma «mosca branca» queres dizer (*Depois de um silencio*). Terminaste hoje as compras que desejamos fazer?

Córa. — Felizmente. Dentro de alguns minutos começarão a chegar, pois recommendei que estivessem aqui ás quatro horas. Devo deixar tudo prompto antes da noite. E' mais complicado do que suppões isso de escolher um objecto apropriado para cada pessôa, mas... estou certa de que todos ficarão contentes.

Jorge. — Coitadinha! E ainda te terá sido mais difficil a escolha de presentes para meus amigos, não é verdade?

Córa. — Ao contrario. Esses foram comprados em menos de meia hora e eu os recordo perfeitamente. Para Marcelo Cabral, uma caixa estylo florentino para guardar charutos. Destinada a Rivarola, uma piteira de âmbar gris. Para Adolpho Montes, uma carteira. Para Tolito Almanza, uma licoreira. Uma pasta, uma bengala, um cinzeiro e outros objectos. Tu determinarás a quem devem ser offerecidos. Até para o insignificante Ernesto Vidal ha um presente. Ninguem ficou esquecido.

Jorge. (*Levantando-se, se approxima de Córa e, tomando-lhe a mão, a beija*). — E's encantadora!

Córa. — Obrigada (*Continua, arranjando as flôres*). Sempre foram meu fraco os presentes de Natal. Quando menina, sahia com minha avó e passávamos horas inteiras entre os brinquedos que iamos escolher. Uma bonequinha de pouco preço nos proporcionava tanta ventura como outra de custo ele-

(*Cont. na pag. seguinte*)

vado e a nossos olhos adquiria vida uma bailarina de papel ou um burro de lata....

Jorge. — O Natal é a festa dos meninos, e para poder gozarmos della deviamos tornar nos simples e puros.

Córa. — Infelizmente, os meninos de hoje não são ingenuos. Sabes o que disse a seu pae a pequena Annita? "Desejaria encontrar na arvore de Natal uma machina para sommar, pois assim simplificaria o trabalho que me dá a professora." (*Jorge ri*).

(*Nesse momento entra no "living-room" a criada, carregada de caixas e embrulhos de todos os tamanhos e de todas as côres*).

Córa (*contando e consultando as notas de compras*). — Cinco... nove... quinze... vinte... trinta e dois... quarenta e um. Está certo.... Não falta nada.... (*Desata os fios, revolve os papeis, abre as caixas. Num instante, chão e mesa ficam cobertos de cordões, fitas e palha. Dirigindo-se a Jorge*). Este frasco de perfume, eu o comprei para Mercêdes. Olha como é delicioso, esquisito.

Jorge. — Devo estar com o sentido do olfato atrophiado, porque

PRESENTES DE NATAL

(Continuação)

não percebo o menor signal de perfume.

Córa. — E' uma pena que não possas aprecial-o. (*Insistindo*). Aspira com força.

Jorge. — Não. E' inutil....

Córa. — Comprarei outro frasco para mim e tu o experimentarás. (*Deixando o extracto sobre a mesa*). Esta bolsa é para Carlota Valdemar. Olha que trabalho delicado, que esmaltes preciosos...

Jorge (*Toma a bolsa e a examina minuciosamente*). Admiravel, admiravel! E' uma pequena obra de arte.

Córa. — Achas?... E' mesmo de teu gosto?... Pois... eu poderia ficar com ella... Combina com a pulseira antiga que me deste a anno passado... Darei uma caixa de bombons a Carlota... Ella é tão gulosa...

Jorge. — ?....

Córa. — Este broche de chapéo é para Suzanna. Não é de valor, mas é vistoso.

Jorge (*indifferente*). — Para dizer-te a verdade, eu acho muito feio, mas...

Córa. — E eu que suppunha ter feito uma grande acquisição!... Si não te parece lindo, não o darei. Não quero, absolutamente, passar perante Suzanna como uma mulher de máo gosto.

Jorge. — Córa, eu não quiz dizer tanto...

Córa. — Não te affliijas, que hei de encontrar outra coisa para offerecer a Suzanna... Dar-lhe ei... (*Vacillando*). Dar-lhe-ei... tambem bombons.

Jorge. — Como queiras.

(*Cont. na pag. seguinte*)

Grande Laboratorio e Pharmacia Homœopathas

FUNDADOS em 1880 **"ALMEIDA CARDOSO"** RUA MARECHAL FLORIANO, 11

— DE —

ALMEIDA CARDOSO & Cia.

Distinguidos com GRANDE PREMIO, a maior recompensa conferida em homœopathia na EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

Fornecedores da Armada, do Exercito e principaes estabelecimentos medicos e pharmaceuticos

11, Rua Marechal Floriano, 11

RIO DE JANEIRO

MEDICAMENTOS HOMŒOPATHICOS QUE CURAM

ALBINGIA — Pó dentifricio. O melhor para limpar os dentes.
ALLIUM SATIVUM — Para abortar a influenza, constipações, tosses e coqueluche.
ALMEIDINA — Para gonorrhéa chronica, recente e suas conseqüências.
BALSAMO DE ARNICA — Para golpes, contusões, trieiras e unhas encravadas.
CALENDULINA — Antiseptico: Para lavagem de feridas chronicas e recentes.
CAPIVAROLEUM — Tonico peitoral e orgânico: Contra anemia em geral.
CARDOSINA — Para tosse, bronchite, dores no peito, costas e lados.
CARDUUS CARDO — Para moléstias do coração e hemorrhoidas fluentes.
CARICA AMERICANA — Regularisa o ventre e combate o abuso de purgantes.
CHENOPODIUM ANTHELMINTICUM — Pó vermifugo: Infallivel contra lombrigas.
DOLORIFORA — Auxilia o parto, combate as colicas uterinas e das parturientes.
DUARTINA—Tonico Reconstituinte: Para a neurasthenia, anemia, dyspepsia e enterites
DYSENTERIUM — Para diarrhéa de qualquer caracter e proveniencia.
ESCROFULINA — Para escrofulas e todas as manifestações de origem escrofulosa.
ESSÊNCIA BENEDICTINA — Odontalgico. Para dores de dentes e ouvidos.
GYPSUM BRASILIENSE — Facilita a dentição e tonifica as creanças.
HEMORRHAGINA — Para hemorrhoidas e hemorrhagias em geral.
HEMORRHOIDINA — Para hemorrhoidas em geral.
OLEO DE FIGADO DE BACALHAU "Tonico reparador". Para anemia em geral.
OPHTALMINA — Para todas as affecções e inflammações da vista.
PROSTATINA — Para inflammações da prostata e da urethra, clareando as urinas.
ROSALINA — Para tosse coqueluche e como preventivo da mesma.
SANABILIS — Para hepatites e cálculos biliares.
SANACALLOS — Faz cahir facilmente os callos sem incommodo.
SANACANCRO — Para feridas de mau caracter, chronicas e recentes.
SANACOLICAS — Para colicas intestinaes e do estomago.
SANADIABETTES — Para diabettes saccharina e suas conseqüências.
SANAFERIDAS — Para uso externo: Combate feridas chronicas e recentes.
SANAFLORES — Para a leucorrhéa (flores brancas) ou corrimentos da vagina.
SANAGRYPPE — Aborta a influenza e cura constipações com febre e tosse.
SANAINSOMNIA — Para a insomnia e accessos nervosos.
SANANGINA — Para inflammações da garganta e da bocca.
SANAOPIL — Para a opilação ou ankylostomiase.
SANARHEUMA — Para o rheumatismo em geral.
SANASTHMA — Para a asthma hereditaria e adquirida.
SANA SYPHILIS — Depurativo. Para lymphatismo, rheumatismo, moléstias da pelle e couro cabelludo.
SANATOSSE — Para tosses e bronchites mesmo os mais rebeldes.
SKZORINA — Para a febre intermittente (sezões ou maleitas).
SUPPURINA — Para as suppurações em geral.
TABLELAXO — Purgativo e laxativo indolente.

EM TODOS OS VIDROS

Os medicamentos acima são aconselhados pelos medicos, licenciados pela Saúde Publica e acompanhados do modo de se usarem. O nome e o credito de que gosam os nossos productos e a nossa firma, com 50 annos de existencia honrosa e progressiva, são o bastante para que alguns incompetentes procurem confundil-os ou imital-os. Os imitadores costumam agir de preferencia no interior do Brasil onde com mais facilidade encontram incautos consumidores e revendedores pouco escrupulosos que os auxiliam nas mystificações. Os nossos productos, de reconhecida efficacia therapeutica, preferidos pelo publico, são vendidos em frascos fechados, pelas melhores pharmacias, drogarias e estabelecimentos commerciaes de todo o Brasil e distinguem-se facilmente de todos os outros com a marca que os garante « UM ANJO COROANDO UMA AGUIA », que illustra esta publicação, devendo os revendedores e consumidores verificarem si o envoltorio e o frasco contêm a dita marca, firma, rua e numero do nosso estabelecimento. Com estes requisitos usará um producto legitimo e garantido. — Executamos as mais exigentes encommendas de HOMŒOPATHIA EM TINTURAS, GLOBULOS, PILULAS E TABLETTES.

PREÇOS RASOAVEIS — Não temos filiaes

11, RUA MARECHAL FLORIANO, 11

PROXIMO AO LARGO DE SANTA RITA —— RIO DE JANEIRO

GUIA PRATICO — Enviamos gratis a quem pedir.

GRATIS

ALMEIDA CARDOSO & C. — *Rua Marechal Floriano*, 11 — *Rio*. Peço enviar-me gratis pelo correio ao endereço abaixo o interessante tratado Homœopathico, com 208 paginas, intitulado GUIA PRATICO, sem nenhum compromisso de minha parte.

Nome ....

Endereço ....

Cid .... Estado ....

Fon-Fon

Córa. — Este papagaio de porcelana é para Adelia Gutierrez. E' um amor, não é? (*Colloca-o sobre a mesa e o olha de longe*).

Jorge. — Sim, é muito bonito, mas... não temes que Adelia se offenda, ella que fala tanto e veste fazendas de côres tão berrantes?...

Córa (*rindo*). — Tens razão. Eu não havia pensado nisso... Ella poderia suppôr tratar-se de uma allusão...

Jorge. — Para ella tambem bombons, não?...

Córa. — Isto se destina a Maria Luisa. (*Tira de uma caixa, com o maior cuidado, uma boneca Leuci, que representa uma vendedora de fructas*). Que lindeza é!...

Jorge. — Mas... que coincidencia! Hontem, ao passar pela Avenida, a vi numa vitrine e pensava comprál-a para te offerecer. Imaginei que fosse do teu agrado.

PRESENTES DE NATAL

(*Conclusão*)

Córa. — Temos os mesmos gostos. Não quero privar-te desse prazer. Toma-a. E' tua. Collocal-a-ás na arvore e será para mim.

Jorge. — Sim, mas não terás a surpresa. Eu queria comprar-te alguma outra coisa, que te agradasse...

Córa (*depois de uma pausa*). — Ha tempo estou desejosa de diamantes que vimos na casa do antiquario Simão. Lembras-te?...

Jorge. — Perfeitamente. Uma rosa de cinco pétalas, um brilhante no centro, tres folhas, toda montada em platina...

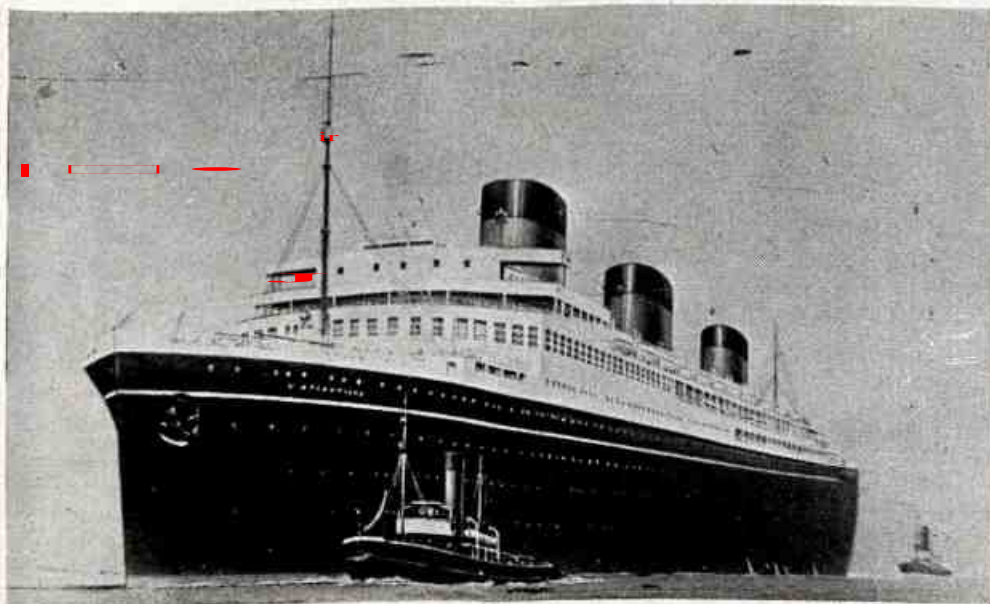
Córa. — Pôl-a-emos no ramo mais alto da arvore e tu mesmo a tirarás dali e, em presença de todos os nossos amigos, ma prenderás no vestido, do lado esquerdo. Ella ficará muito bem na fazenda negra...

Jorge. — Realmente... E's uma mulherzinha adoravel, que tem o verdadeiro sentido do bello.

Córa. — E tú, um maridinho como ha poucos. Nenhuma das minhas amigas se póde vangloriar de ter um esposo mais galante nem mais intelligente. Quanto aos presentes, resolvi dar bombons a todas, afim de não haver resentimentos. (*Pondo diversos objectos em uma caixa*). Este leque antigo eu o guardarei para ficar bem nalgum casamento. Este Saxe é para a collecção de mamãe. (*Fecha a caixa e chama a criada*). Leve tudo isto. (*Depois vae ao telephone*). E' da "Bombonniére Pompadour"?... Mande para a casa da familia Senillosa vinte e cinco caixas de bombons dos melhores... bem embrulhadinhas, com fitas bonitas... Hoje sem falta. (*Córa senta-se. Jorge accende um cigarro*).

Córa. — Estou exhausta, e ainda falta tanta coisa para arrumar...

Jorge. — Andaste muito, querida... E depois és uma tolinha em fazer tantos sacrificios por tuas amizades...

COMPANHIAS FRANCEZAS DE NAVEGAÇÃO
Chargeurs Reunis & Sud - Atlantique
MASSILIA
&
L'ATLANTIQUE
42.500 Ton.
RIO - LISBOA EM 8 DIAS
O mais veloz, confortavel e elegante navio da linha da America do Sul
Viagens rapidas por Paquetes Postaes typo "ILHAS"
2 sahidas mensaes para DAKAR, MADEIRA, LISBOA, LEIXÕES, VIGO, BORDEAUX, LA ROCHELLE-PALICE & LE HAVRE
Agencia geral no Rio de Janeiro
11 e 13 - Av. RIO BRANCO

MYRNA

Milagre de Natal

SCENA I

(NOITE DE NATAL. Verão. Da terra, regada ao entardecer, sobem cânticos, pastores e perfume de hervas. A janella aberta recosta a noite, alegremente pontilhada de luzes. Luzes vermelhas, azúes, brancas, nos pinheiros carregados de brinquedos.

Dyonisio e Beatriz conversam em voz baixa. Communicam-se quasi de alma a alma. Elles sabem. E soffrem).

Dyonisio.

As filhas de Aga estão cosendo a mortalha. Encommendei para ella um caixãozinho branco, coberto de crystaes. E um ramo de orchideas.

Beatriz.

Pobre Myrna! E' tão pequena, que sua morte parece um casamento.

Dyonisio.

Morreu, agora, quando o amor a esperava, quando a terra está cheia de cânticos alegres.

Beatriz.

Hoje é um dia de festa muito grande. O Anjo da Guarda descuidou-se um pouco...

Dyonisio.

Descuidou-se um pouco...

Beatriz.

Eu quizera chorar, e não posso. Isto não é sua morte, mas seu casamento.

Dyonisio.

Parece um sonho. A casa ainda está cheia de seu riso, ainda está serena de sua presença.

Beatriz.

Oh, Deus!... E' impossivel...

(Entrou um forasteiro).

O forasteiro.

Bôa noite...

(Ambos se olham. Ninguem responde).

Alberto

Bôa noite...

Pelo caminho trazem o caixão de uma morta. Ouvi dizer que é muito joven e muito linda. A gente não sabe por que occorreu essas coisas. Eu quizera vêl-a. Mas não posso. Tenho que esperar Myrna. Vim buscal-a para o casamento. Vou esperal-a.

(Sáe).

Beatriz.

Meu Deus! Quando o souber!..

Dyonisio.

Quem se atreverá a dizer-lho?...

Beatriz.

... Deus..

SCENA II

(Na porta de uma cabana está o forasteiro, sentado em uma pedra. A seu lado, um caminho muito longo, que se perde em uma curva da noite. No jardim, uma arvore cheia de luzes e brinquedos).

O forasteiro.

Como tardas, Myrna! Caminhei ... dias e tres noites para chegar a ti, e não me parecem tão longos como esta ultima espera. Amanhã estaremos na metade do caminho, confundidos, em nossa alegria. Myrna! Myrna! Só teu nome é u.n presente de Natal. Mas, como tardas! Como tardas! A noite se fecha cada vez mais sobre minha impaciencia. Ha um anno que não te vejo. E hoje, que vim buscar-te, demoras tanto!

(Contempla a noite).

Antes, eu via tão claro na sombra.. . Agora, que te quero falar, não vejo nada.

(Sorri).

Myrna, como tardas!...

(Esperando adormece. Pelo caminho passa o cortejo que leva o cadaver de Myrna. Ao chegar junto ao forasteiro, se detém um momento, para descançar. Deixa no chão o leito improvisado da morta. O forasteiro dorme, e, em sonhos, repete um nome, saboreando-o, docemente).

Myrna, ... Myrna! ...

(E' o milagre).

F r a n c o

PEDRO NEGRO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

Não conheci nunca o meu amigo Sherlock Holmes em melhor disposição, debaixo do ponto de vista physico e moral, do que no anno de 1895. A sua reputação sempre crescente tinha-lhe dado uma immensa clientela. Seria uma indiscreção da minha parte revelar os nomes das altas personagens que transpozeram os humbraes da nossa casa de Baker Street.

Entretanto, Holmes, como todos os grandes artistas, não vivia senão para a sua arte e a não ser no caso do duque de Holdernesse ,raras vezes o vi reclamar uma quantia grande como premio de inestimaveis serviços. Era tão pouco mundano, ou tão caprichoso, que frequentemente recusava o seu auxilio a pessoas ricas e altamente collocadas, cujos negocios o não interessavam, para dedicar semanas de complicado estudo a problemas relativos a clientes mais modestos, mas cujos aspectos dramaticos lhe fascinavam a imaginação e desafiavam a intelligencia.

Naquelle memoravel anno, tinha-lhe prendido a attenção uma quantidade de casos mais ou menos extraordinarios, desde o seu famoso inquerito sobre a morte do cardeal Torcha, no qual elle entrou a pedido expresso de Sua Santidade, até á captura de Wilson, o celebre creador de canarios, a qual libertou o East-End de Londres duma das suas mais temiveis pragas.

Em seguida a estes dois casos notaveis, sobreveiu o drama de Woodman's Lee, a do capitão Pedro Carey, rodeiada de circumstancias mysteriosas.

A historia da vida de Sherlock Holmes ficaria incompleta, se eu não me resolvesse a fazer a narrativa desta extraordinaria aventura.

Na primeira semana de julho, o meu amigo tinha-se ausentado de casa tantas vezes e por tanto tempo, que me lembrei logo que teria qualquer causa entre mãos.

O facto de, na sua ausencia, terem vindo alguns typos de má catadura procurar o capitão Basil, deu-me a entender que Holmes andava trabalhando em qualquer parte sob um dos numerosos disfarces que por vezes occultavam a sua identidade.

Não me falou das suas preoccupações, e não estava nos meus habitos obrigal-o a fazer-me confidencias. Foi extraordinario o primeiro signal que me deu da direcção a que tendiam as suas investigações.

Tinha elle sahido logo de manhã, e eu tinha começado a almoçar, quando elle entrou na sala de jantar, de chapeu na cabeça e trazendo debaixo do braço, á laia de guarda-chuva, um enorme arpão farpado.

— Santo Deus, Holmes! — exclamei eu — pois você andou a passear por Londres com isso?

— Fui de carruagem á casa do carniceiro e de lá venho.

— A casa do carniceiro?

— Venho morto de fome! Não ha nada como um bom exercicio antes do almoço, mas aposto que você não é capaz de adivinhar o que eu fiz.

— Nem sequer tento.

Poz-se a rir, deitando o café.

— Se você tivesse entrado no interior da loja de Allardyce, teria visto o cadaver dum porco pendurado de um gancho no tecto e um cavalheiro em mangas de camisa, fazendo altas diligencias para o atravessar com este arpão. Era eu esse cavalheiro, e verifiquei que ninguem da minha força pode varal-o dum só golpe. Quer você experimentar?

— De modo nenhum; mas porque fez isso?

— Porque me parece haver aqui uma relação indirecta com o mytserio de Woodman's Lee... Olá, Hopkins? Recebi o seu telegramma hontem á noite, e estava á sua espera; entre.

O nosso visitante era um homem de aproximadamente trinta annos, de apparencia energica, vestindo um fato completo escuro, mas tendo o ar empertigado de quem está habituado a vestir farda.

Reconheci logo nelle Stanley Hopkins, moço inspector de policia, no qual Holmes fundava as maiores esperanças, e que por sua parte professava um grande respeito, e admiração pelas doutrinas scientificas de Holmes. Hopkins vinha de sobrecenho carregado, e sentou-se com desanimo.

— Obrigado, não tenho vontade de comer, almocei antes de vir. Passei a noite em Londres, fui chamado para fazer o meu relatorio.

— E o que relatou?

— Um fiasco, um fiasco completo!

— Não adiantou nada?

— Absolutamente nada.

— Realmente! Não tenho remedio senão metter-me nisso.

— Isso estimava eu bastante, sr. Holmes. E' o meu caso importante, e vejo-me seriamente atrapalhado. Supplico-lhe que me preste o seu auxilio.

— Pois bem; li já todos os documentos, incluindo o auto de corpo de delicto. A proposito, que pensa você daquella bolsa de tabaco achado no logar do crime? Não será aquillo uma boa pista a seguir?

Hopkins olhou para elle admirado.

— E' a bolsa de tabaco da victima. Tem as suas iniciaes. E' de pelle de phoca, e Pedro Carey era, como o senhor sabe, um velho marinheiro.

— Mas não trazia cachimbo.

— Não achamos cachimbo em casa delle, isso é verdade; é certo que elle fumava muito pouco, mas podia lá ter tabaco para offerecer aos amigos.

— Sem duvida, e se lhe fallo nisto é sómente porque se eu tivesse que me occupar deste assumpto, estaria tentado a tomal-a como ponto de partida das minhas pesquizas. O meu amigo Watson não está ao facto de

(Cont. na pag. seguinte)

coisa alguma, e a mim não me desagradaria ouvil-o contar de novo este drama. Recorde-me pois os pontos essenciaes.

Hopkins tirou um papel da algibeira:

— Tenho aqui algumas datas que lhe indicarão a biographia da victima, o capitão Pedro Carey. Nasceu em 1845, tinha portanto cincoenta annos. Muito audacioso, tinha sido felicissimo nas pescas da phoca e da baleia. Em 1883, commandava um vapor de pesca "Unicornio do mar", do porto de Dundee, e fez muitas viagens com felicidade.

"No anno seguinte, em 1884, reformou-se e viajou ainda por alguns annos. Por fim, comprou uma pequena propriedade chamada Woodman's Lee, perto de Forest Row, no Condado de Sussex. Foi alli que viveu seis annos, e alli que morreu ha oito dias.

"A sua maneira de viver era cheia de contrastes; no seu estado normal, era um puritano de caracter taciturno. Vivia com sua mulher, uma filha de vinte annos e duas creadas. Estas mudavam constantemente, o logar era pouco invejavel, porque Pedro Carey embriagava-se frequentemente, e estando bebado, era um verdadeiro demonio.

"Chegou uma vez a pôr na rua, alta noite, a mulher e a filha, e com um pau na mão, a perseguil-as do parque, emquanto os seus gritos de terror acordavam toda a visinhança.

"Foi uma vez citado por justiça, por ter dado uma grande sova no velho vigario da freguezia que tinha vindo reprehendel-o pelo seu mau procedimento. Em summa, sr. Holmes, era difficil encontrar um homem mais violento que Pedro Carey, e ouvi dizer que dantes, a bordo do seu navio, era tal qual a mesma coisa.

"Chamavam-lhe Pedro Negro; deram-lhe este nome, não só pela sua côr tostada e a grande barba preta, mas tambem por causa do seu genio e do terror que inspirava a todos que se lhe aproximavam.

"Está claro que era detestado por todos os visinhos, que se afastavam delle; não ouvi uma unica palavra de compaixão pelo seu terrivel fim.

"O sr. Holmes decerto leu no auto de corpo de delicto a descripção do seu camarim, mas talvez o seu amigo não ouvisse contar.

"Mandou fazer no parque, a pouca distancia da casa, uma casinha de madeira que elle chamava o seu camarim, e era alli que dormia todas as noites.

"Era uma especie de cabana, tendo apenas um quarto de dezeseis pés sobre dez, da qual guardava sempre a chave no bolso, fazendo elle mesmo a cama e o serviço todo.

"Nunca lá entrou ninguem.

"Esta casa recebia luz por duas janellinhas, guarnecidas de cortinas, que nunca se abriam. Uma destas janellas dava para a estrada real, e as pessoas que passavam, ao ver luz lá dentro, scismavam com certo horror o que estaria fazendo Pedro Negro.

"Foi esta a janella, sr. Holmes, que nos deu um dos raros indicios do nosso novo inquerito.

"O senhor lembra-se que um pedreiro chamado Slater voltava de Forest Row pela uma hora da manhã, dois dias antes do crime. Parou ao passar deante da propriedade, e olhou para a restea de luz que brilhava através das arvores.

"Affirmou que tinha visto um perfil destacar-se no

store, mas que não era o de Pedro Carey, que elle conhecia muito bem. Era o perfil de um homem de barba curta e aspera muito differente da do capitão.

"Aqui está o que elle declarou, mas vinha de passar duas horas a beber na taberna, e a janella fica a certa distancia da estrada.

"Alem de que, isto passar-se-ia na segunda-feira, e o crime só se commetteu na quarta.

"Terça-feira. Pedro Carey estava atacado de muito mau humor, de tal modo excitado pelo alcool, que parecia uma féra.

"Andou a rodar a casa, e as mulheres logo que o ouviram chegar, fugiram. Só foi para o camarim bastante tarde.

"Pelas duas horas da madrugada, a filha que dormia com a janella aberta ouviu naquella direcção um grito medonho; mas como muitas vezes o pae gritava quando estava bebado, não ligou maior importancia ao caso.

"Uma das creadas, que se levantou ás 7 horas, notou que a porta do camarim estava aberta; mas era tão grande o terror que elle inspirava que deu meio-dia sem que ella se atrevesse a ir verificar o que tinha acontecido.

"Depois de ter espreitado pela porta, fugiu espavorida para a aldeia.

"Uma hora depois chegava eu e tomava a direcção do inquerito.

"O sr. Holmes sabe que sou forte de nervos, pois dou-lhe a minha palavra de honra, que tive um sobresalto quando entrei na casinhola!

"Moscas varejeiras zumbiam com tal furia que davam uma idéa de um harmonium! O chão e as paredes lembravam um matadouro!...

"Pedro Carey chamara áquella casa o seu camarim, e com razão; dir-se-ia que estavamos a bordo de um navio. Numa das extremidades havia uma tarimba, e um caixote de roupa, cartas maritimas, um quadro representando o "Unicornio do Mar", uma prateleira com livros de bordo, tudo em resumo como na camara de um commandante de navios.

"Ao meio via-se o cadaver desfigurado, cuja barba se eriçava e cuja physionomia se contorcera nas convulsões da agonia. Havia lhe atravessado o amplo peito um arpão de aço. A arma fôra vibrada com tal violencia que se enterrara no tabique de madeira. Estava ali espetado como uma borboleta num cartão.

"A morte devia ter sido instantanea, e logo a seguir ao terrivel grito de dôr por elle soltado.

"Conheço os seus processos, sr. Holmes, e appliquei-os. Antes de se tocar fosse no que fosse, examinei minuciosamente o terreno todo á volta da casinhola assim como o chão do quarto. Não havia a menor pégada.

— Quer dizer, você não as viu.

— Affianço-lhe que não as havia.

— Meu bom Hopkins, tenho investigado muitos crimes; ainda não descobri nenhum que fosse praticado por uma creatura com azas. Portanto, se o assassino tem pés, com certeza deixou qualquer vestigio que se deve encontrar, tratando-se o caso scientificamente. Custa-me a admittir que naquella casa cheia de sangue você não achasse um signal qualquer capaz de nos guiar. Parece-me pela leitura do depoimento, que você não deu attenção a certos objectos.

(Continúa no proximo numero)

O MAHARAJAH

De ANDRÉ BIRABEAU

NAQUELLA sala o novellista recebia as felicitações de todos os aduladores. Uma das damas presentes lhe disse:

— Mas, que grande psychologo é o senhor!... Parece incrivel que se possa penetrar tão a fundo na alma dos homens!

E o novellista respondeu, sorrindo:

— Quero fazer-lhe uma confissão, minha estimada senhora: nunca me propuz ser psychologo. Ajo sempre instinctivamente, sem reflectir. Meu trabalho não merito em absoluto... Por outro lado, senhora, os grandes psychologos não são seres extraordinarios, mas vulgares.

Os circumstantes não occultaram o espanto que essas palavras produziam. E o novellista proseguiu:

— Darei a prova de minhas affirmações contando-lhes a historia do casal Dupontel. Era um casal modesto. Julio Dupontel era empregado em uma grande empresa commercial. Ernestina de Dupontel attendia com voluptuosidade a seu pequeno mas luxuoso appartamento de tres peças. Pessôas simples, como vocês vêem, e em quem ninguem suspeitaria grandes dotes psychologos. Sua conversação não ia além das pilherias do escriptorio ou dos chistes do bairro. Reuniões intimas, para as quaes só eram convidados os parentes mais proximos. Aos domingos, um passeio pelo bosque, uma sessão de cinema. E nada mais.

"Julio Dupontel era o que a gente costuma chamar *um homem bom*. Isto é, um homem insignificante. Ernestina tinha qualquer coisa de extraordinario: sua belleza, realçada por sua graça e por certa viveza no olhar.

"O senhor Dupontel regressava a casa todos os dias ás seis da tarde. Resumia a sua esposa as alternativas sem importancia do seu dia de escriptorio, calçava um par de chinellos, tirava o paletó, substituindo-o por uma blusa, e installava-se em uma cadeira para ler seu jornal até a hora do jantar.

"Aquella tarde, emquanto Julio Dupontel calçava os chinellos, Ernestina tomou o jornal e o desdobrou, como sempre o fazia, para passar-lhe a vista. A esposa de Dupontel se encontrava em pé. Elle acabava de sentar-se e não podia ver o rosto de Ernestina occulto pelo jornal. Mas, de repente, Julio Dupontel ouviu que Ernestina lançava um grito de angustia. E viu que o jornal tremia em sua mão.

"— Que tens?! Que tens?! — perguntou á esposa.

"No mesmo instante, o jornal cahiu ao chão. O rosto de Ernestina mostrou-se pallido e demudado.

"— Que sentes, Ernestina? Que sentes? — insistiu Dupontel.

"Palavras desconnexas brotaram dos labios de Ernestina.

"— Meu Deus! — gemia a formosa mulher. — Gravemente... ferido!... Não póde ser!... Não!... A' morte!... A' morte!... Querido!...

"E deixou-se cahir sobre o leito, soluçando.

"Julio Dupontel permaneceu ainda alguns instantes indeciso,

perplexo. Não comprehendia, a attitude nem as palavras de sua esposa. Afinal, gritou:

"— Fala! Que tens?

"E apanhou, com gesto violento, o jornal cahido. Um titulo chamou immediatamente sua attenção: *Attentado contra o rapido Paris — Ventimille*. E mais em abixo: *Crime politico? O maharajah de Bathala, que figurava entre os passageiros, é uma das victimas. Lista de mortos e feridos.*

"Dupontel olhou Ernestina. A pobre mulher, como um animalzinho ferido, continuava gemendo:

"— Querido!... Está morrendo!... Está morrendo!...

"Dupontel negava-se a comprehender o sentido dessas palavras. Agarrou a esposa por um braço. Sacudiu-a:

"— Que dizes? Que dizes?... Fala!

"O corpo abandonado, Ernestina limitou-se a murmurar:

"— Faze de mim o que quizeres... Não me interessa viver... Está morrendo... Está morrendo!...

"Dupontel já não podia entender. Lançou uma furiosa maldição, ao mesmo tempo que o rosto se congestionava e ficava côr de purpura. Sacudiu com mais força a esposa:

"— Tinhas um amante?!... Tu!... Infame!... Um amante!... Quem, quem era?... Como se chamava?

"Ella não respondeu. Não fez siquer o menor gesto de livrar-se da brutal pressão daquelle punho que lhe martyrizava o braço nú. Chorava e gemia: "Está morrendo... Está morrendo..." Em verdade, tudo o que o esposo dissesse ou fizesse nesse momento não tinha importancia para a formosa Ernestina. Surda ás injurias, insensivel á violencia daquella mão apertada em seu braço, Ernestina parecia reconcentrar se em sua propria angustia.

"— Quem é, quem é teu amante?... Fala, eu te digo!

"Em vão. Ernestina não respondia. Dupontel apanhou novamente o jornal... *Lista de mortos e feridos*... Mas suas mãos tremiam, e seus olhos toldados de sangue não viam claro... Os nomes bailavam, confundindo-se... Dupontel teve que ler a relação tres vezes. Inutilmente. Nenhuma daquellas pessôas lhe era conhecida. Sua cólera augmentou. Dupontel segurou-a a sentar-se e exclamou:

"— Vaes dizer-me agora mesmo quem é o homem que... o homem por quem te atreves a chorar em minha presença!... Mas não, não vaes continuar chorando muito tempo!...

"Hoje até nas casas mais humildes ha um revolver. Tambem os Dupontel tinham uma arma na mesinha de cabeceira. O cabo do revolver brilhou, de repente, na dextra do empregado.

"Bruscamente, Ernestina deixou de mostrar-se surda e céga. Bruscamente, deixou de chorar pelo amante. E viu o revolver... O revolver que estava apontado para ella.

"Seu corpo se ergueu. Seus olhos se dilataram. Transcorreu um segundo. Apenas. E Ernestina respondeu, rapida:

"— E' o maharajah de Bathala.

"E o braço de Julio Dupontel baixou o revolver.

"— Como?... Tu?... O maharajah?!... Não póde ser!

"Já não gritava. Perguntava, simplesmente... Ernestina, suave,

(*Continúa na pag. seguinte*)

O MARAHAJAH

(Conclusão)

Ia explicando a historia daquelle amor. E Dupontel commentava:

"— Este verão?... Quando foste a Vittel?... O maharajah estava alli?... Não, não me lembro... Eu não reparo nos maharajahs... E o maharajah se dignou olhar-te?... festejar-te?... Um maharajah!...

"A voz de Dupontel descia gradualmente de tom. E o modesto empregado sentiu-se de repente incommodado pelo revolver que conservava na mão... Com um movimento toupe, deixou cahir a arma no bolso.

"E então Ernestina comprehendeu que estava salva.

"Vêem os leitores? O instincto havia transformado subitamente aquella mulher mediocre em uma grande psychologa. O instincto permittiu-lhe adivinhar, em um segundo, que só uma coisa poderia desarmar a mão de seu marido: a vaidade.

"E quando viu que não devia mais temer, Ernestina Dupontel se recolheu de novo em sua dor e continuou chorando pelo amante ferido. E o amante de Ernestina era um tal João Leblec, empregado da estrada de ferro.

AQUELLE NUMERO...

(CONCLUSÃO)

quem sabia? — saúde e amôr.

Passou a viver mal, privando-se de tudo. Comia parcamente, e nunca mais vestira sinão aquella roupa preta, que dava azar. Nem cinemas, nem theatros, nem festas — nada. Esperaria a sorte.

A sua peregrinação pelas casas lotericas tornou-o conhecido, popular.

Guardavam, todos os dias, para elle, o bilhete daquelle numero. De trez ou quatro vezes — quatro ou cinco? — tirára o mesmo dinheiro. Regosijo. Duma outra, arrepanhára cem mil réis. Bons prenuncios!

Os cambistas da cidade já se tinham tornado familiares ao homem que ia tirar a sorte. Não lhe sabiam do nome. Disputavam as agencias o bilhete, porque ficava logo considerado vendido. E quando viam longe Antonio José, corriam para elle, na avenida Central, principalmente no começo da rua do Ouvidor, seu caminho diario:

— Olha o 18-140!

Perdêra o nome. Popularizava-se. Pois hontem á tarde Antonio José, de repente, cahiu na Ouvidor, no principio da rua. Hemoptyse violenta, arrazadora. Assistencia. Morte. Necroterio.

Alli, a autoridade, quando estava revistando a carteira do morto, para identificál-o, um cambista que no mesmo local se achava, acompanhando pessôa de sua familia, viu-o e exclamou:

— Olha o 18.140! E hoje deu o numero 18.140, com 500 contos de réis.

A policia encontrou o bilhete inteiro da loteria com o numero sorteado. Antonio José, depois de morto, tirára a sorte grande, no seu numero. E deixava, sem parentes, sem herdeiros, todo o dinheiro, toda a fortuna, — ao governo, de quem vivia falando mal...

JANELLAS ILLUMINADAS

(Conclusão)

amparo, sem protecção e sem confôrto, desceu, um a um, todos os degraus da decadencia physica e moral. Mercadejou-se para viver e lançou mão de todos os recursos para esquecer o fausto de antanho: cocaina, alcool, opio, morphina...

«Soube, ante-hontem, casualmente, por um amigo do millionario, hoje empobrecido, que a mulher infiel está a expirar num leito modesto de hospital. Disse-me elle que a pobre mancha, de quando em vez, a alvura do lençol com um vomito de sangue. Que seus olhos e seus labios ardem de febre. Que suas mãos esqualidas têm a semelhança da côra dos cirios ou das palmas dos lyrios.

«E' um caso commum, minha amiga. Um caso diario, de jornal. Serve, porém, para estancar a tua sêde de devassar o que se passa através de cada janella illuminada, aberta para a rua como olhares abertos para o infinito. Essa historia simples e quasi habitual na vida de uma grande cidade passou-se numa vivenda nababesca, num palacio faustoso, aristocratico. Calcula, pois, si devassasses todos os lares, desde o solar alcatifado do potentado num bairro elegante, ao casebre do operario engastado no morro, á porta do edificio a que se abriga o cego, o aleijado, o vagabundo, esses infelizes que estiram, durante o dia, a mão á caridade publica e, á noite, muita vez, se sentem morrer de fome, de abandono e de desconfôrto!...»

Doralice, os olhos humildes, encolhida como si estivesse a tiritar com frio, pedia-me, numa supplica:

— Chega, meu amigo! Eu não desejo ouvir mais historias da vida! Tens absoluta razão: a felicidade está, em grande parte, na ignorancia. Recordo-me, agora, do velho e sábio adagio: «O que os olhos não vêm, não sente o coração.» E quem sabe si a sociedade não perdôa, intelligentemente, todos os erros occultos, por esse motivo imperioso?...

E, rematando, quasi num queixume:

— Vamo-nos embora. Roubaste a minha alegria desta noite. Tenho luto na alma e sinto o coração confrangido, oppresso, magoado...

* * *

Janellas illuminadas! Abertas para a rua, mysteriosamente, como grandes olhos de fôgo abertos para a amplidão!...

GILBERTO VEIGA

HOMEM DE PESO

(CONTINUAÇÃO)

mo Cash, empresario de box, querendo contratál-o para o "ring", em Nova-York. O estudante, excitado com a proposta, leva o empresario a casa, afim de falar ao "pae", como a Slag chamava. O ex-lutador rebela-se contra o empresario, cuja recusa de dinheiro, annos atraz, fôra a causa da morte de Pat, e enxota-o de casa para fóra.

Esse facto encoleriza o rapaz. Só agora com o pae, trava com elle forte discussão e Slag, valendo-se do seu velho punho, entra de box contra o filho — mas este, cheio de mocidade, lepido, lutador de verdade, acaba por estender o pae com um golpe na ponta do queixo... Puff acode, ex-

A dona da pensão de veranistas (na manhã da partida de um de seus hospedes). — Oh, senhor Smith! Não teria por ahi um lindo e grande papel de carta para eu lhe fazer a conta?...

citada, exprobando a falta de respeito do filho que agora se lamenta, arrependido do que fizera. Quando Slag volta a si reconhece que a velhice lhe roubaram as forças e perdôa ao filho.

— Já sei que não foi por gosto, Ted... Não foi nada...

Mais tarde, a instancias de Ted, que queria que Slag e Puff o adoptassem legalmente como filho — dá-se o casamento dos amigos brigalhões, para, assim, poderem cumprir as formalidades da lei da perfilhação de menores.

RHEUMATISMO

O exito de nossa cruzada contra RHEUMATISMO depende quasi exclusiv mente da recommendação de ex-soffredores satisfeitos

Rigidez das juntas, musculos doloridos, nervos endurecidos. Não é estranho que V. S. se sinta envelhecido. O Rheumatismo é uma enfermidade traidora que avança lenta porém seguramente. Afugente este ladrão da juventude e da saúde. Evite os seus estragos desde o começo.

O Rheumatismo é um symptoma e não uma causa; uma desagradav l manifestação de dôr que póde surgir do excesso de acido urico accumulado no organismo. V. S. sabe o que acontece então: o acido urico se converte em crystaes com bordas afiadas e desiguaes que desgarram as extremidades sensitivas dos nervos, causando padecimentos indescriptiveis. Não é preciso resignar-se a padecer essas dôres: o excesso de acido urico póde ser eliminado comtanto que os rins funccionem normalmente.

As Pilulas De Witt trabalham directa e immediatamente sobre os rins e a bexiga. Por sua acção benefica sobre estes orgãos de eliminação os medicos receitam as Pilulas De Witt para combater numerosas affecções que pódem ser causadas pelo excesso de acido urico, taes como o Rheumatismo, Sciatica, Lumbago, Dôres nas Costas, etc.

Se V. S. soffre de qualquer desses males, e principalmente se outros medicamentos não têm surtido effeito, lhe offerecemos um FORNECIMENTO GRATIS PARA EXPERIENCIA de Pilulas De Witt. Umas poucas doses lhe demonstrarão o que valem. Póde fazer-se uma offerta mais equitativa? Preencha e envie o coupon abaixo HOJE. Se alegrará de havel-o feito, depois que tiver tomado a primeira dose.

PILULAS

De WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Moléstias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R 156),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome..

Endereço....................................

....

Queira escrever com clareza

Mande em envelope aberto... sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

RUA ARITIDES LOBO 115 — TEL. 8-3957

DIARIAS DESDE 15$000